

**Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiae  
CEPIS**

**INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO MARXISTA  
(GUIA DE ESTUDO)**

**2004**

ÍNDICE

**Expediente**

O Caderno **Introdução ao Pensamento Marxista - Guia de Estudo** é uma publicação do CEPIS - Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiae.

**Texto:** Néstor Kohan

**Tradução:** CEPIS

**Ilustrações:** Nilson Azevedo e Fabiano

**Equipe do CEPIS em maio/2004:**

Celeste Fon, Paulo Maldos, Ranulfo Peloso da Silva, Renata Paes, Rubens Paolucci Jr e Sergio Abreu.

**Pedidos: CEPIS**

Rua Ministro Godoy, 1484 – Perdizes  
São Paulo – SP – Brasil – CEP 05015-900  
Fone/fax: (0xx (55 ) 11 3866-2760  
Correio eletrônico: cepis@sedes.org.br  
Site: www.sedes.org.br

São Paulo, maio de 2004.

- Apresentação .....04
- I - Introdução .....06
- II - Como usar o Guia de Estudo .....09
- III- A crise da sociedade latino-americana e a resistência dos povos contra o capitalismo ..... 15
- IV - A ideologia do poder e o senso comum .....20
- V - Por onde começar a estudar? .....30
- VI - A conquista da América, o genocídio e o nascimento do capitalismo ..... 37
- VII - A sociedade capitalista: O capitalismo como modo de produção e reprodução .....47
- VIII - O capitalismo como sistema mundial em expansão .62
- IX - Por que o capitalismo não cai por si só? .....72
- X - A luta política, a hegemonia e a consciência socialista 82
- XI - A resistência, a dialética do progresso e o conflito social na história ..... 90
- XII - O projeto socialista e seus valores ..... 96

## APRESENTAÇÃO

*Quem não sabe é como quem não vê.* As pessoas têm curiosidade em entender o sentido da vida e dos acontecimentos de cada dia. Quando não conseguem descobrir, inventam ou aceitam qualquer explicação. Por isso, nasce o medo do desconhecido e muita gente esperta se aproveita para manipular e dominar a fé do povo.

Uma pessoa sabe, quando compreende a razão das coisas, quando lê o que está por trás das palavras e quando desmonta os interesses escondidos nas aparências. Ela deixa de ser alienada. A pessoa consciente, que sabe como funciona a natureza e a sociedade, toma uma posição crítica diante do presente e projeta a transformação da realidade.

Já houve tempo no Brasil, em que as organizações populares investiam na conscientização do povo, convencidas de que *só a classe oprimida pode libertar-se e, ao libertar-se, liberta também seu opressor* (Paulo Freire). Depois de sucessivas derrotas, dentro e fora do País, e de grandes mudanças na forma de organizar a produção das riquezas, muitas direções abandonaram os processos de formação. Ou porque mudaram suas convicções e seus interesses ou porque a classe trabalhadora acreditou no discurso da elite de que o sistema capitalista, com alguns remendos, é o melhor modelo de sociedade para a humanidade.

Nós acreditamos que, para a felicidade humana, é necessário construir uma nova sociedade que tenha como finalidade a vida, em todas as suas dimensões, e a solidariedade entre as pessoas. Não basta denunciar a exploração capitalista do trabalho e do planeta; não basta pressionar para melhorar a condição das classes exploradas. O inimigo não pode ser a razão da luta popular. O que nos anima é o sonho e a busca de um mundo fraterno onde se reparta o pão e o poder.

Alegramo-nos em contribuir com a retomada do estudo da teoria marxista, publicando este Guia de Estudo. Como o próprio nome indica, o Guia não quer, nem poderia ser uma receita, mas um instrumento nas mãos da militância popular, que possa ajudá-la a entender o mundo e, sobretudo, transformá-lo.

Preocupamo-nos em reafirmar nossas convicções, sem nos fechar às críticas justas e às contribuições verdadeiras. Pensamos, especialmente, em introduzir o estudo do pensamento marxista, mas indicamos bibliografia para quem quiser aprofundá-lo. Imaginamos o estudo em grupo, o debate monitorado por uma equipe de formação e o estudo individual que não se isole na simples informação. Gostaríamos de saber se os objetivos foram alcançados. Esperamos seus comentários.

Bom estudo e mãos à obra.

EQUIPE DO CEPIS

## I – INTRODUÇÃO

*“O desacordo entre os sonhos e a realidade nada tem de nocivo, sempre que a pessoa que sonha acredite seriamente no seu sonho, observe atentamente a vida, compare suas observações com seus castelos no ar e trabalhe sistematicamente na realização de suas fantasias”* Lenin

Esta é uma proposta de Guia Básico de Introdução ao Pensamento Marxista, dirigida a pessoas lutadoras que participam de diferentes organizações políticas e sociais e que estão dispostas a ser parte da militância popular anticapitalista e pelo socialismo.

Realizamos esta proposta convencidos de que a América Latina vive um novo momento de articulação dos movimentos sociais e políticos, de criação de organizações populares que buscam transformações revolucionárias da sociedade e de crescimento das alternativas que desafiam o que pretendia ser uma “nova ordem” mundial capitalista.

No meio destas forças populares que são protagonistas de resistência, crescem as demandas – especialmente entre as novas gerações, mas também entre outros setores que entram hoje na luta – de fundamentar sua militância numa sólida formação política que crie condições de protagonismo e de compreensão das novas realidades, e de construção coletiva de conhecimentos imprescindíveis às distintas modalidades que a luta de classes assume.

Neste contexto, se faz necessário contribuir na formação de uma sólida estrutura de pensamento da militância, superando tanto o basismo como o academicismo que predominam em algumas organizações e grupos e assumindo que se criou um vazio na formação política marxista de várias gerações.

Este vazio tem suas raízes tanto no desprezo pela teoria que existe em alguns movimentos e partidos de esquerda, como na rejeição aos modelos de formação dogmática e, às vezes, desconectada da realidade que reforçaram a crise teórica e prática do pensamento socialista. A compreensão da importância da batalha cultural como parte constitutiva das batalhas pelo socialismo tornam estas demandas mais urgentes.

A proposta que apresentamos quer contribuir de forma introdutória ao pensamento marxista. Não foi escrita pensando na crítica de especialistas, enredados nas teias da Academia e sua típica linguagem, cada vez mais cifrada e obscura, e tampouco pretende seguir “o último grito” que vem de Paris ou a última moda filosófica em uso nas universidades norte-americanas.

É um texto introdutório, pensado a partir de uma aproximação da realidade em que vivem os setores populares da América Latina. Tem como meta a busca de compreensão da crise e suas origens, polemizando com as interpretações que são feitas a partir dos setores dominantes que instalam, tanto no senso comum, como nas idéias e teorias existentes, noções que “naturalizam” a opressão. Busca sustentar a necessidade de uma filosofia e um método próprio dos trabalhadores para a análise e a compreensão da realidade, com uma proposta que ligue as idéias, os pensamentos, os valores, com as práticas que vêm sendo desenvolvidas pelos movimentos populares.

Analisa o capitalismo, suas origens, seu desenvolvimento atual, as formas de exercício da dominação e as instituições que jogam a favor de sua reprodução social. As resistências anticapitalistas e as experiências de luta pelo socialismo que atravessaram o século 20 e o início do século 21 são valorizadas. Os fundamentos da opção socialista são propostos como projeto político, teórico e ético, isto é, como nova concepção de mundo e uma nova forma de viver pela qual vale a pena lutar.

Esta proposta quer ser um roteiro aberto, baseado num enfoque dialético, articulado sobre o eixo histórico da luta de classes. A centralidade dessa dimensão não é casual, mas fundamental, o que não significa subordinar as dimensões de gênero, ou desconhecer a cultura de nossos povos indígenas, muito menos subestimar os efeitos da hegemonia sobre a subjetividade.

Em cada capítulo são apresentados eixos de discussão e uma bibliografia básica, que deverão ser enriquecidos de acordo com as características do grupo, do país, da região, do movimento, de acordo com a profundidade que se queira alcançar nesta primeira etapa do trabalho. O projeto geral foi impulsionado pelo Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiae (Cepis-Brasil) e a Cátedra de Formação Política Ernesto Che Guevara da Universidade Popular Mães

da Praça de Maio (UPMPM-Argentina). O texto, as perguntas e a bibliografia sugerida neste guia de estudo foram elaborados por Néstor Kohan, um dos coordenadores da Cátedra Che Guevara da UPMPM.

Por fim, queremos dizer que esta introdução se coloca para a discussão dos grupos e coletivos sociais que assumam este projeto a fim de ir enriquecendo de modo sistemático a proposta original.



## II - COMO USAR O GUIA DE ESTUDO

### 1. Porque as sugestões de uso:

Estudar é procurar compreender o que se lê, refletir sobre os assuntos abordados num texto, reter o fundamental e estabelecer relações com outras idéias aprendidas, lidas e ouvidas. Não é fácil estudar quando não se tem o hábito do estudo. Só com o tempo se começa a compreender melhor os textos e assimilar seu conteúdo. Por isso, é necessário ter vontade de aprender, não desistir na primeira dificuldade e encarar o estudo como uma tarefa com o mesmo rigor que as outras.

O Guia de Estudo de Introdução ao Pensamento Marxista visa a qualificação de pessoas e grupos militantes – quem já está ou se dispõe a entrar em algum espaço da luta popular. O esforço de elaborar e organizar o Guia de Estudo ficará perdido se ele não alcançar o objetivo proposto.

Mesmo sabendo que as pessoas e grupos de militantes podem e devem criar suas formas e ritmos de estudo adequados à sua realidade, cremos ser importante apresentar sugestões de como usar este Guia de Estudo, tiradas da prática de muita gente.

## 2. A necessidade de estudar

Estudar é uma necessidade vital para a militância. Desde que não seja estudo para *demonstrar conhecimentos*, estudo abstrato e nem para entender a teoria como fórmula acabada, como solução para todos os problemas ou como modelo único para a luta dos trabalhadores e suas organizações.

Às vezes, quando se fala na importância do estudo, se pensa em *fazer cursos*. Os cursos, palestras, seminários, debates são indispensáveis porque ajudam a organizar as idéias, traçar as linhas gerais e os temas básicos na formação teórica, ideológica e política da militância. Mas, os cursos não substituem o estudo individual. Ele é necessário para a preparação e aprofundamento dos temas, para o aproveitamento dos cursos e a participação em debates.

Neste sentido, o estudo pode ser individual, mas a reflexão é coletiva, ficando claro que a formação da militância se sustenta em três pilares básicos: participação na luta e na organização popular, atividades sistemáticas de formação e estudo individual.



## 3. Sobre Metodologia:

Ao falar em metodologia devemos ter presente que:

- Método não é uma receita mágica que serve para todas as pessoas; nem é um instrumento neutro, pois está sempre ligado a uma visão de mundo e a um objetivo histórico concreto.

- Formação também não é um processo neutro nem é o remédio infalível para todos os males. Ela serve a uma causa determinada cuja finalidade é tornar comuns as idéias de um grupo.
- Um processo de formação só acontece quando os grupos têm claro suas convicções, sua missão e seu plano de atuação. Ao espalhar suas idéias, o grupo visa melhorar sua prática e atrair outras pessoas que se situam na mesma perspectiva.
- Metodologia Popular é um instrumento da formação que ajuda no processo de tradução, reconstrução e criação coletiva do conhecimento sobre a realidade com a intenção de transformá-la. Por isso, é sempre participativa: nem *para*, nem *sobre*, mas *com* as pessoas envolvidas. Sua finalidade é qualificar a ação da militância pela apropriação do conteúdo e do método.

## 4. Para maior aproveitamento do estudo:

As seguintes “dicas” podem servir num plano de estudo individual ou coletivo:

- Rotina de estudo:** marcar horário e dia fixo facilita a escolha do tempo disponível para os estudos
- Tempo de estudo:** recomenda-se que, por vez, se use, no mínimo 45 e no máximo 60 minutos.
- Garantir o material:** cada pessoa deve ter e zelar por sua cópia individual do texto, livro, desenho. Ter sempre papel e lápis ou caneta para anotações.
- Ambiente favorável:** um lugar com clareza, agradável, sem gente passando, sem barulho e que ajude na concentração.
- Postura confortável:** apoiar o material, sentar-se em vez de deitar-se, posição relaxada, pés apoiados.
- Uma lição de cada vez:** ajuda a entender, gravar e fazer uma aplicação prática do conteúdo.
- Folhear o texto:** ter uma visão de conjunto, olhar o autor, os títulos, palavras, desenhos.
- Fazer anotações:** marcar passagens importantes, os destaques, as novidades, o que se gosta, as dúvidas.



- i. **Voltar ao texto:** várias vezes para apreender a mensagem, idéias, fatos, informações e exemplos.
- j. **Fazer resumo:** repetir com as próprias palavras as principais idéias, colocando as opiniões pessoais.
- k. **Discutir no coletivo:** as dúvidas, interpretações e divergências surgidas no estudo devem ser esclarecidas.
- l. **Recordar o estudo anterior:** é necessário repetir o já estudado, antes de continuar ou se começar uma leitura.

Observação: O plano individual, para obter mais resultado, deve articular-se com um plano coletivo de estudo.

### 5. Passos para o estudo em grupo:

Em muitos casos, a organização popular precisa preparar militantes para atuarem como monitores que ajudam os principiantes na compreensão do conteúdo e no esclarecimento das dúvidas. Nesse caso, esses multiplicadores devem ter uma preparação que os ajude no repasse criativo e dinâmico do conteúdo.

Para o estudo grupal sugerimos os seguintes passos:

- É indispensável ter uma coordenação que estimule e facilite a participação de todas as pessoas.
- Leitura integral do texto para ter uma visão de conjunto do conteúdo. Pode ser de um bloco, de um capítulo ou do todo. Em voz alta, com uma ou várias pessoas lendo.
- Rer ler em pequenos grupos, por proximidade, para fixar o assunto e permitir o debate e o aprendizado.
- Realização de um plenário onde as pessoas e grupos possam expressar e debater suas opiniões.
- Identificar o tema central – a coordenação procura recolher e ordenar a compreensão que as pessoas tiveram da leitura.
- Destacar idéias principais – desde o momento nos grupos, tentar chegar à idéia central da leitura, vendo argumentos, fatos e exemplos ligados a essa idéia central.
- Anotar dúvidas, impressões, passagens que chamam atenção ou questões despertadas pela leitura e sua discussão.

- Resumir no grupo e no plenário, em palavras-chave, em frases curtas ou até em desenhos as idéias mais importantes.
- Interpretar juntos tentando comparar/associar as idéias do texto com as do grupo e com outras leituras.
- Aprender a criticar no sentido de formar as opiniões próprias e de fazer apreciações sobre o texto.
- Tirar conclusões e aprendizados que poderão ser usados na prática das pessoas e do grupo.
- Encaminhar a próxima etapa do plano de estudos.

### 6. Estudo de grupo:

Um estudo eficaz, sem ser aborrecido, exige:

#### a) Uma preparação aprimorada:

- A convocação das pessoas é uma parte determinante em qualquer atividade popular. Ela funciona quando é feita por um contato e um convencimento direto. Avisos gerais, públicos ou escritos, servem apenas para recordar a convocação pessoal.
- O local da reunião deve ser um espaço aconchegante, que acomode bem as pessoas e com um ambiente que expresse o assunto a ser debatido: mapas, cartazes, símbolos, músicas, poemas...
- As pessoas encarregadas de animar o debate – devem estudar bem o assunto, preparar material de apoio e sugerir dinâmicas participativas.
- Disciplina consciente - Por respeito às pessoas, o estudo deve começar e terminar na hora marcada, privilegiando quem chegou.
- Providenciar e organizar material de apoio: quadro, giz, papel, recursos pedagógicos,...

#### b) Uma coordenação firme:

- O processo da reunião é de responsabilidade coletiva. Mas, é comandada pela coordenação. Por isso, para a coordenação, chegar na hora significa chegar antes da hora marcada.
- Participar, e não assistir palestras, deve ser a finalidade do estudo. A

coordenação anima a socialização do debate, questiona as afirmações, resume e complementa sem afastar-se do tema principal.

- Coordenar não é passar a palavra. É preparar, acolher, animar, sintetizar, garantir o rumo, facilitar a participação, possibilitar a tomada de decisão.

### c) Uma realização eficiente implica:

- Começar na hora marcada, com entusiasmo, de forma que eleve o astral do grupo.
- Não exceder uma hora e meia contínua de estudo – para não se perder o poder de concentração. Antes de continuar, fazer uma pausa, levantar e sair fora da sala.
- Abordar os temas (análise, opinião, sugestões, encaminhamentos) de forma clara e direta.
- Evitar o monólogo. Frear, com jeito, o ímpeto de quem adora ouvir o eco da própria voz.
- Evitar a discussão entre duas ou entre algumas pessoas.
- Possibilitar que todas as pessoas falem, mas conter falas que se desviam do assunto. Estimular as pessoas caladas e tímidas a se manifestar.

## LIVROS MUDAM O MUNDO?



- Só seguir adiante quando o assunto estiver bem discutido e concluído.
- Encerrar a reunião de forma agradável, na hora combinada e encaminhar as decisões.
- Deixar claro para todas as pessoas as conclusões do estudo, as tarefas a serem encaminhadas, as responsabilidades e os prazos.
- Encarregar pessoas para acompanhar e cobrar as providências.
- Combinar as próximas atividades.

## III - A CRISE DA SOCIEDADE LATINO-AMERICANA

Todos os jornais coincidem: "A América Latina está em crise". A televisão diz o mesmo. Os dados, inegáveis e já difíceis de ocultar, são alarmantes. Excetuando a sociedade cubana, para o resto de nossos países o diagnóstico é o mesmo:

- A pobreza cresce a um nível inusitado.
- As jornadas de trabalho são cada vez mais extensas (para os que têm emprego...)
- O poder aquisitivo dos salários dos trabalhadores se contrai progressivamente.
- O desemprego aumenta a cada momento.
- A mortalidade infantil não diminui.
- As crianças que vivem na rua são cada vez mais numerosas.
- Enfermidades curáveis ameaçam aniquilar nações inteiras.
- As mulheres continuam sendo marginalizadas e humilhadas.
- Os velhos se convertem, com sorte, em sobreviventes.
- As filas de quem não tem moradia ou terra se multiplicam.
- A terra sofre erosão e perde a fertilidade.
- O clima muda; o ar, a água potável e os mares estão cada vez mais contaminados.
- As polícias, os paramilitares e os exércitos reprimem cada vez com mais violência e crueldade.
- Os direitos humanos se convertem em enganosas ilusões.

Definitivamente, na sociedade atual vive-se cada vez pior!

Enquanto as economias latino-americanas naufragam uma a uma, a militarização e a presença estadunidense aumentam dia-a-dia. O novo pretexto é a luta contra "o narcotráfico e o terrorismo". Já há bases militares dos EUA em Manta (Equador), Três Esquinas e Leticia (Colômbia), Iquitos (Peru), Reina Beatriz (Aruba), Hato (Curaçao), Vieques (Puerto Rico), Guantánamo (Cuba), Soto de Cano (Honduras). A isto se soma o intento de construir novas bases em Tierra Del Fuego (Argentina) e controlar a base de Alcântara (Brasil).

Essa militarização se dá, ao mesmo tempo, com a tentativa de implementar "o livre comércio" da ALCA - Área de Livre Comércio das



Américas, uma nova maneira de concretizar a velha estratégia estadunidense destinada a controlar e dominar todo o continente. Ao Terceiro Mundo se exige o pagamento de uma dívida de 2,5 trilhões de dólares. Uma dívida completamente fraudulenta.

Tanto a penetração dos Estados Unidos na área econômica, como sua estratégia pela militarização do continente a sangue e fogo, geram em nossos povos múltiplas e cada vez mais persistentes forças de resistência antiimperialista. Onde há poder, há resistência!

---

***Por que a resistência popular, mesmo crescente, continua sendo frágil para derrotar o imperialismo?***

---

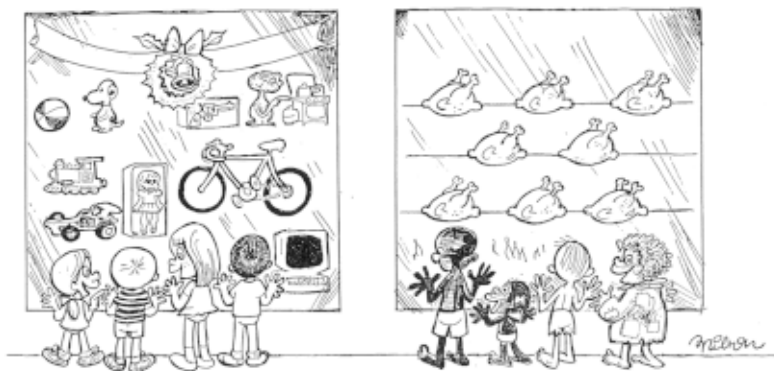
Apesar da resistência, o capitalismo continua dominando e gerando mais e mais crise. Não é necessário que alguém nos conte como é esta crise, sem precedentes na história mundial. Sentimos na nossa própria carne. Podemos tocá-la, podemos intuí-la, vivemos nela. Nós, latino-americanos, sofremos todos os dias suas conseqüências. O que mais pode ser dito? Já o sabemos. Já o conhecemos!

Os efeitos e as conseqüências da crise geram ódio e indignação de forma imediata. Estão ao alcance da mão (qualquer um pode facilmente enumerar). Entretanto, as causas e as razões nem sempre estão à vista nem são tão fáceis de conhecer...

---

***Qual é o fundamento da crise da sociedade capitalista? Quem se beneficia com ela?***

---



É precisamente nesse ponto que os poderosos intervêm sobre a consciência popular. Evitam, por todos os meios, que se identifiquem as classes que se beneficiam com a crise e que acumulam capitais e riquezas a partir da miséria popular. Aí, funciona a propaganda ideológica inimiga que nos mente e nos engana. Disfarça a realidade para que não conheçamos as causas de nossa crise. Não há melhor maneira de manter a dominação sobre nossos povos que converter em senso comum as seguintes mentiras:

- *“A culpa da crise é nossa, de TODOS os latino-americanos”.*
- *“TODOS, empresários e trabalhadores, patrões e operários, somos igualmente prejudicados. Ninguém se beneficia”.*
- *“Na América Latina vive-se mal porque falta capitalismo”.*
- *“O povo latino-americano é preguiçoso; não economiza porque esbanja”.*
- *“A economia tem sido a base das grandes fortunas”.*
- *“Sempre houve ricos e pobres; e sempre haverá”.*
- *“TODOS somos iguais perante a lei”.*
- *“Os juízes aplicam justiça; se há alguém que não faz isso, é uma exceção à regra”.*
- *“O Estado somos TODOS nós”.*
- *“O Estado nos defende a TODOS por igual”.*
- *“A finalidade da polícia é nos proteger; se não faz isto não cumpre com sua verdadeira função”.*
- *“A finalidade das Forças Armadas é defender a pátria; se não fazem isto não estão cumprindo com seu autêntico dever”.*
- *“Os cárceres prendem as pessoas más; se há gente boa presa é somente um erro”.*
- *“O Mercado funciona de maneira automática: as leis do Mercado são intocáveis e imodificáveis”.*
- *“No capitalismo o Poder está repartido / dividido em: Legislativo, Executivo e Judiciário”.*
- *“No Ocidente os meios de comunicação são o quarto poder”.*
- *“Os meios de comunicação são neutros e independentes”.*
- *“Os meios de comunicação têm a missão de informar e controlar o governo; se algum toma partido não está cumprindo com sua missão”.*

- “Vivemos em uma sociedade livre e democrática - não há eleições a cada quatro anos?”.
- “Os movimentos sociais que não se expressam nas eleições não existem”.
- “Nosso país é totalmente soberano e independente; não temos bandeira, brasão e hino nacional?”.

(relembre outras afirmações como estas)

O conjunto destas ficções é utilizado dia-a-dia, hora a hora, minuto a minuto, para convencer os trabalhadores de que “a culpa” da crise latino-americana é nossa. De vez em quando escutamos essas frases na TV, na escola, nos noticiários, nas rádios. É uma mensagem única que se repete exaustivamente. Desde a infância, até a velhice. Portanto, ainda que sintamos de forma imediata como é nossa sociedade, porque sofremos diariamente, também é verdade que é preciso ir mais além do imediato e do senso comum. É necessário romper o muro construído dia-a-dia pela TV, pelo rádio, a ideologia a serviço dos poderosos.

Para conhecer realmente por que estamos, como estamos e por que vivemos tão mal, torna-se necessário suspeitar do relato oficial que quer justificar essa situação. As perguntas do poder não são nossas perguntas. Temos que desmontar esses relatos e nos perguntar como se estrutura realmente nossa sociedade. E, dado que esta é capitalista, é preciso investigar e debater coletivamente sobre:

---

***O que é e como funciona o capitalismo? Como pode ser vencido?***

---

Torna-se, então, imprescindível estudar para ir além do que, à primeira vista, aparece nos meios de comunicação. Definitivamente é necessário passar dos efeitos e das conseqüências da crise para suas causas e razões.

## BIBLIOGRAFIA

- La militarización de América Latina.*** Campaña continental contra el ALCA. En *América Libre* N°20, enero de 2003. pp.135-137.
- James Petras. ***Clase, Estado y Poder en el Tercer Mundo.*** Bs.As., FCE, 1993.
- \_\_\_\_\_. ***Democracia de la pobreza y pobreza de la democracia.*** Rosario, 1995.
- Fernando Martínez Heredia. ***Imperialismo, guerra y resistencia*** [24 de enero 2003]. No site da internet <http://www.lajiribilla.cubaweb.cu/>.

#### IV - A IDEOLOGIA DO PODER E O SENSO COMUM

Se pretendermos desmontar o relato oficial da crise e passar da simples descrição de seus efeitos e conseqüências para o conhecimento de suas causas e razões, temos diante de nós dois desafios:

- Identificar a concepção social de mundo que, de modo implícito, articula os inúmeros esforços da mídia para convencer nosso povo de que a crise latino-americana não tem responsáveis e beneficiários muito precisos.
- Realizar a crítica dessa concepção social de mundo a partir de um método de estudo e uma filosofia própria. Indignar-se, ficar com raiva é fundamental, mas não é suficiente! Intuição, também não. Temos que estudar, que aprofundar, ir até às raízes do problema.

Começemos afirmando: Todas as ficções ideológicas que a TV e outros meios difundem dia-a-dia para legitimar a dominação dos poderosos e esconder as causas reais da crise não são um conjunto caótico de absurdos, bobagens ou mentiras caprichosas. Têm uma ordem! Têm uma coerência!

---

##### *Qual é a raiz do discurso oficial?*

---

Além de ministros, presidentes, jornalistas ou empresários o discurso da sociedade oficial é sustentado e articulado por uma concepção de mundo.

---

##### *O que é uma concepção de mundo?*

---

Uma concepção de mundo é um conjunto articulado, sistemático e coerente de idéias, conceitos, valores e normas de conduta prática que nos guiam na vida cotidiana. Essa concepção molda nossa visão de como deve ser a sociedade e qual o lugar do ser humano. A concepção de mundo (também chamada "ideologia" ou "filosofia") confere um sentido à vida de grandes grupos humanos e também de cada indivíduo.

---

#### Por que não identificamos, à primeira vista, quais são as concepções de mundo?

---

Na maioria das vezes, a concepção de mundo – ideológica ou filosófica – está escondida. Não se vê, não se toca, não está ao alcance da mão. Por isso, acaba sendo aceita passivamente. Quando qualquer pessoa dá sua opinião sobre como se deve educar os filhos, ou se é errado roubar, ou sobre o que acontece com as pessoas depois da morte, ou sobre o suposto "descobrimto" da América e assim por diante, está se apoiando em uma visão social de mundo. Ninguém escapa das concepções de mundo! Ninguém está alheio às ideologias! Todos temos uma filosofia, saibamos ou não.

Isto significa que nosso senso comum – o terreno de nossas opiniões cotidianas – não está alheio às ideologias. Ao contrário: o senso comum transpira ideologia por todos os poros. Cada palavra, cada opinião, está impregnada de ideologia. Cada observação da vida cotidiana, por mais "inocente", acidental ou ingênua que pareça, está marcada por uma concepção de mundo.

É impossível uma visão direta da realidade. Olhamos sempre a partir de um filtro ou uma lente: esta "lente" ou esse "filtro" é dado pela ideologia. Podemos tomar consciência de sua existência, ou não, mas existe. Se não tomamos consciência terminamos aceitando-a passivamente. Por que não somos conscientes? Porque a ideologia – quando não se analisa criticamente – opera de maneira oculta, inconsciente e escondida.

---

##### *Que diferença existe entre senso comum e filosofia?*

---

A visão social "espontânea" da vida cotidiana, anterior a qualquer reflexão, se chama senso comum. A visão social coerente, crítica, reflexiva e sistemática, consciente de seus fundamentos e razões, chama-se filosofia. A filosofia (seja própria ou alheia, que defenda os poderosos ou os trabalhadores) sempre dirige o senso comum.

Se a concepção filosófica e social de mundo é coerente, articulada e sistemática, como é o senso comum? É exatamente o contrário: contraditório, desordenado e não sistemático. No senso comum convivem e se misturam diversas concepções de mundo, ao mesmo tempo, embora contraditórias.

Um exemplo: a mesma pessoa pode querer um presidente socialista para seu país, mas se opõe a que esse presidente seja um trabalhador. Tem que ser um “doutor”. Os trabalhadores não podem governar; nem mesmo no socialismo. Outro exemplo: um senhor se opõe à violência da polícia porque lhe parece terrível e, ao mesmo tempo, bate em sua mulher e exige que se prenda as crianças de rua. Faz isso sem nenhum problema! Tudo ao mesmo tempo!

Por que estes exemplos se repetem sem fim? Porque o senso comum é assim, contraditório. Pode incluir uma visão progressista da sociedade e uma visão reacionária, contraditórias e misturadas, ao mesmo tempo. A propaganda burguesa da TV, os jornais, a escola, o rádio, tenta neutralizar, no povo, o que seja progressista. Para isso, incentiva o preconceito racista, a competição, a fantasia de uma ascensão social individual (às custas dos demais), a defesa “a qualquer preço” da propriedade privada e a subordinação aos valores das classes dominantes.

A política revolucionária (ideológica e cultural) dos movimentos sociais, dos partidos políticos classistas, dos sindicatos, das organizações camponesas, dos centros de estudantes, dos cursos de educação popular, dos movimentos de mulheres, os jornais de trabalhadores, as rádios comunitárias etc., tentam neutralizar a ideologia inimiga. Para isso incentivam no povo a consciência de classe, a solidariedade, a igualdade, a cooperação e muitos outros valores práticos anticapitalistas.

O senso comum é um CAMPO DE BATALHA entre diversas concepções de mundo, entre diversas ideologias, entre diversas escalas de valores.

A ideologia da burguesia e a ideologia da classe trabalhadora disputam a mente e o coração do povo. Ambas querem dirigir e marcar o caminho que vai ser dado à vida, mas em direções opostas. Se os trabalhadores organizados se omitem ou não fazem esta disputa, cedem terreno ao inimigo (que conta com um imenso aparato de propaganda e muitíssimo dinheiro).



Nada cresce espontaneamente, só as ervas daninhas. Sem uma luta pela consciência e pela hegemonia socialista, o senso comum continua passivo, alimentando-se da ideologia inimiga. No máximo, pode se chegar à indignação e à raiva contra os patrões. Nada mais. Para passar da simples indignação à ação política, temos que semear, adubar e regar o senso comum, todos os dias. É o único caminho para que floresçam a consciência e os valores do homem novo e da mulher nova.

Se quisermos passar do senso comum para uma filosofia própria que sustente a ideologia dos trabalhadores, temos que refletir criticamente e de forma ativa sobre nossas próprias opiniões cotidianas. A repulsa, a fúria e a indignação contra a injustiça do capitalismo são um passo importantíssimo na consciência popular; mas não são o bastante. Temos que analisar que usamos – sem dar-nos conta e de forma passiva! – a concepção de mundo e a filosofia de nossos inimigos.

Todas as ficções, mentiras e enrolações sobre a crise da sociedade latino-americana com que a TV e a DITADURA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO nos bombardeiam pertencem a uma mesma concepção de mundo: a de nossos inimigos, a dos poderosos, a de quem vive às custas do povo, ou seja, a burguesia e o imperialismo. Este conjunto coerente,



articulado e sistemático de idéias, valores e normas de conduta prática se estrutura sobre os seguintes núcleos ideológicos:

- “O **NORMAL** consiste em que a sociedade tenha uma **ORDEM**: os de cima, em cima e os de baixo, embaixo”.
- “Qualquer mudança brusca e radical é **ANORMAL**”.
- “A sociedade se baseia em uma **HARMONIA**”.
- “Cada um tem sua **FUNÇÃO** na sociedade: quem tem dinheiro ordena e dirige; o povo aceita e trabalha”.
- “A justiça consiste em que cada um cumpra com essa **FUNÇÃO**: os ricos dirigem, os pobres trabalham. Cada um tem o que lhe corresponde”.
- “A **INJUSTIÇA** ocorre quando: (a) os ricos “se aproveitam” exigindo mais do que o povo deve trabalhar **NORMALMENTE**; (b) algumas pessoas do povo se rebelam inclusive quando os ricos os pagam **NORMALMENTE** e os tratam **NORMALMENTE**”.
- “Se alguém do povo não aceita ser dirigido pela burguesia é um subversivo, um militante, um terrorista, um ativista, um infiltrado, um agitador, etc., etc.”.
- “A **ORDEM** da sociedade se baseia na **PAZ**. Se há conflito, isso é uma exceção à regra”.
- “Se há conflito social, é porque um revoltado o trouxe de fora: um infiltrado, um ativista, um militante, um agitador, um subversivo”.
- “Sempre houve ricos e pobres”.
- “**SEMPRE** foi assim e sempre será; nada há de novo debaixo do sol”.
- “O povo ignorante não pode governar a sociedade nem governar a si mesmo”.
- “O que vive mal e passa fome é um perdedor. Ninguém é responsável, só ele mesmo”.
- “As ideologias que propõem a Revolução são coisas do passado”.
- “A Revolução é impossível porque desapareceu o sujeito da Revolução”.
- “É preciso gente com muito dinheiro para governar um país”.
- “As pessoas que têm dinheiro podem dirigir a sociedade porque já dirigem suas empresas. Se souberem fazer uma coisa, claro que poderão fazer a outra”.
- “A política é suja. É melhor ficar em casa. Os que sabem que governem”.



(Acrescente outras afirmações como essas, que você conhece).

Todas estas expressões de senso comum remetem a uma mesma concepção de mundo, a de nossos inimigos. Existem diversas teorias filosóficas e sociológicas que tratam de legitimar esta concepção ideológica. Algumas delas são:

- **Positivismo**: Corrente filosófica fundada no século 19 por Auguste Comte (1789-1857), na França, e Herbert Spencer (1820-1903), na Inglaterra. Surge quando o capitalismo e a burguesia já estão consolidados na Europa. Seu lema é “Ordem e Progresso”. Acredita na evolução e no progresso linear da sociedade e mantém uma fé absoluta nas ciências naturais, principalmente a biologia. Despreza completamente as ciências sociais, porque pensa que a ordem social responde à ordem natural e que a sociedade é como um organismo biológico onde cada um cumpre uma “função” (os trabalhadores trabalham, os patrões mandam...).
- **Funcionalismo**: Corrente sociológica de origem estadunidense que concebe a sociedade como se estivesse conformada por uma harmonia subjacente. O funcionalismo classifica os conflitos sociais e as contradições de classe como “anomalias”, “falta de adaptação” ou interrupções ao desenvolvimento evolutivo e pacífico da sociedade. Por exemplo: a pobreza e o atraso latino-americanos são “efeitos da escassez de desenvolvimento capitalista”, da

persistência de relações tradicionais e da falta de investimentos de capital. Outro exemplo: as populações negras vivem mal porque “não se adaptam” à civilização moderna.

➤ **Pós-modernismo:** Corrente filosófica de origem francesa que emprega depreciativamente a expressão “a grande narrativa” para referir-se às ideologias e concepções do mundo com pretensões totalizantes. O marxismo, a psicanálise e o cristianismo são exemplos de grandes narrativas. A partir dos anos 80 o pós-modernismo sustentou que estas grandes ideologias haviam “entrado em crise”. Essa tese re-atualizava as afirmações estadunidenses de Daniel Bell: *O fim da ideologia* [1960], texto típico da guerra fria que decretava “o esgotamento da política”. Coroando o suposto fim da política de Daniel Bell e o ceticismo pós-moderno frente às grandes ideologias, o funcionário do Departamento de Estado dos Estados Unidos, Francis Fukuyama publicou “O fim da história” (1989). Uma caricatura “filosófica” que foi amplamente difundida por todas as agências de notícias e jornais capitalistas do Ocidente. Com o pós-modernismo acabaria - supostamente - a política, a ideologia e a história.

Das três correntes (na realidade existem muitas mais), o positivismo conseguiu maior penetração, desde o final do século 19 até a primeira metade do século 20, enquanto o funcionalismo teve maior audiência a partir da segunda guerra mundial, até os anos 60. Durante os últimos 20 anos – desde a era neoliberal de Ronald Reagan e Margaret Thatcher, no começo nos anos 80, até as últimas rebeliões de Seattle, Davos, Buenos Aires e Gênova – é o pós-modernismo que tem conseguido maior influência nos círculos acadêmicos.

O discurso pós-moderno (difundido a todo vapor a partir das Universidades estadunidenses e francesas e reproduzido em todos os grandes monopólios de comunicação em nossos países) conseguiu seduzir algumas correntes do campo popular com o seguinte argumento: *“cada movimento social – por exemplo as minorias sexuais e os grupos étnicos, entre outros – deve ter reivindicações fragmentárias, porque se articulam com outros movimentos na luta anticapitalista perdem sua especificidade”*

Não é por acaso que esse tipo de discurso tenha tido quem os escutasse nos anos 80 e 90, justamente quando o neoliberalismo fragmentava e dispersava toda a resistência anticapitalista e popular. Também não é por acaso que, quando a resistência aumenta, o pós-modernismo perde rapidamente popularidade.

---

***Nem toda crítica da modernidade capitalista tem que ser, necessariamente, pós-moderna.***

---

O marxismo constitui uma ferramenta sumamente útil e produtiva para questionar a modernidade eurocêntrica (Europa como centro do mundo), racista, sexista, colonialista e imperialista (que realizou vários genocídios na história...), mas como teoria crítica da sociedade atual, ao contrário do pós-modernismo, a teoria fundada por Karl Marx não rechaça nem abandona:

- o projeto de emancipação humana
- a “grande narrativa” que consiste numa explicação totalizante
- a utopia que propõe a criação de um mundo realmente humano

O discurso pós-moderno se mostrou tão atrativo e sedutor porque se apresentou de modo sutil como *“defesa das minorias”*, ao invés de mostrar-se como uma legitimação aberta do capitalismo. Contudo, apesar de sua simplicidade e eficiência, na sociedade capitalista contemporânea a luta contra as diversas dominações é muito mais complexa.

Não há possibilidade real de levar a cabo as críticas e reivindicações pontuais contra o patriarcalismo e o machismo, contra a destruição do meio ambiente, contra o autoritarismo escolar, contra a discriminação racial e sexual ou contra qualquer outra dominação cotidiana se não se luta ao mesmo tempo contra a totalidade do modo de produção capitalista.

Sem esta luta pela emancipação radical contra o conjunto da sociedade capitalista e suas dominações, os movimentos feministas, ecologistas, dos povos indígenas, da juventude, etc. serão neutralizados e incorporados pelo sistema. Os aparatos de repressão do imperialismo norte-americano se dão ao luxo de ter comandantes de suas Forças Armadas negros e latinos, mulheres negras ou de origem asiática como assessoras em temas de “segurança” e inclusive



militares homossexuais. O porta-voz militar dos EUA na recente guerra genocida e imperialista contra o povo do Iraque (abril/2003) é negro.

### Os defensores do imperialismo não são bobos

Os discursos pós-modernos deixam uma perigosa e tentadora porta aberta para incorporar e neutralizar a luta contra cada uma das opressões, sem apontar, ao mesmo tempo, contra o coração do sistema capitalista como totalidade. Mas a emancipação anticapitalista será total ou não será nada. Se não se conseguir articular os diversos movimentos sociais contra um inimigo comum, as reivindicações pontuais de cada um poderão converter-se, no máximo, em válvula de escape para realizar a modernização ("pluralista") dentro da ordem imperialista, sempre de cima e deixando intacto o capitalismo como modo indiscutível de vida.

### O que têm em comum estas teorias filosóficas e sociológicas?

O que o positivismo, funcionalismo e pós-modernismo compartilham, apesar de suas diferenças recíprocas, é a incapacidade para pensar a sociedade capitalista como um momento transitório e, portanto, superável, da história. A ausência de historicidade é a nota comum das diversas teorias que tentam legitimar a concepção de mundo dos nossos inimigos. Todas congelam, parcelam e segmentam a realidade em movimento. Para eles o capitalismo é eterno! Sempre existiu e sempre existirá. Além disso, pensam a sociedade invariavelmente a partir de harmonias. Ocultam ou camuflam as contradições internas da sociedade capitalista.



### Existe alguma concepção social de mundo alternativa, onde a ideologia e os interesses dos(as) trabalhadores(as) sejam centrais?

Se existe (e nós pensamos e acreditamos que existe), esta concepção filosófica e sociológica teria que se apoiar precisamente na historicidade da ordem atual e na contradição como motor da transformação (o que negam as teorias burguesas em uníssono). Só uma concepção social de mundo desse tipo poderia fazer frente tanto ao positivismo, como ao funcionalismo e ao pós-modernismo. Com esta ferramenta, se facilita a tarefa de disputar a mente e o coração de nosso povo. Deste modo, fica mais fácil a crítica do senso comum burguês. Essa concepção social de mundo existe há muito tempo. Tem uma história. Os trabalhadores latino-americanos, como os trabalhadores de outros países do mundo, já fizeram uma larga experiência política a partir dela.

### **BIBLIOGRAFIA**

Antônio Gramsci. *O marxismo ortodoxo*. In: *Introdução ao estudo da Filosofia. A filosofia de Benedetto Croce*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

Louis Althusser. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1992

Henri Lefebvre. *O Marxismo*. São Paulo: Saber Atual/Difusão Européia do Livro, 1963.

## V - POR ONDE COMEÇAR A ESTUDAR?

### Necessidade de um método próprio e de uma filosofia própria

Para identificar as causas e as razões da crise latino-americana temos que desmontar o relato oficial da burguesia e do imperialismo. Para isto, é necessário refletir criticamente sobre nosso senso comum. Temos que nos esforçar para descobrir o que está oculto: a ideologia de nossos inimigos. Por isso é necessário identificar a concepção social de mundo implícita nas justificativas do capitalismo. Este foi nosso primeiro desafio.

Passemos então ao nosso segundo desafio. Esta difícil tarefa só pode ser assumida a partir de um método de pensamento próprio e a partir de uma concepção filosófica do mundo que defenda os trabalhadores. Se esse método e esta filosofia não existissem, teríamos que criá-los do zero. Teríamos que começar do nada. Teríamos que ir Tateando, de olhos fechados, errando a cada passo, indo de encontro às paredes. Mas este método e esta filosofia já existem. Em nossa América, existe uma grande história anterior a nós mesmos, onde várias gerações de revolucionários e revolucionárias se apropriaram deste método e desta filosofia para fundamentar e legitimar suas rebeliões e revoluções.

Quais são, então, este método e esta concepção social de mundo e de ser humano? O método é o método dialético. A filosofia é a filosofia da práxis. (Já analisamos o que consiste uma filosofia e como se diferencia do senso comum).

---

### *O que é um método?*

---

Método é um conjunto de regras que marca uma determinada ordem no pensamento, na reflexão e na investigação.

Se observarmos as notícias de TV, a realidade parece ser absolutamente caótica: imediatamente depois da imagem de um assassinato urbano, aparece uma bela modelo com um vestido de um milhão de dólares. Logo depois, a última partida de futebol e, continuando, uma matança no norte da África. Seguem as declarações do presidente dos EUA anunciando alguma guerra ou intervenção militar no Terceiro Mundo, a previsão do tempo e a última moda nas praias do Caribe. Tudo parece estar no mesmo nível! Tudo está misturado!

---

### *Por que na TV tudo aparece misturado?*

---

É assim a realidade social? Não, esta mistura e esta confusão correspondem a uma decisão política dos que manipulam a TV. Eles mostram coisas para que, de fato,... nada seja visto e nada seja compreendido profundamente. Mas, a realidade tem uma ordem. Se não tivesse seria absolutamente incompreensível. Não valeria à pena estudar como funciona a sociedade para poder intervir e modificá-la. Como a sociedade não é um caos incompreensível, mas tem uma ordem, o pensamento que pretenda compreendê-la, em profundidade, tem também que ter uma ordem. Não se pode captar e colocar tudo num mesmo nível. Esta ordem do pensamento é garantida por um método.

Existem muitos métodos. Alguns priorizam os fatos isolados e fragmentados, pinçados e confundidos entre si como numa colagem. Estes métodos deixam de lado a totalidade em que os acontecimentos se inserem e ganham sentido. Desta maneira os acontecimentos isolados se tornam incompreensíveis enquanto a realidade social se torna eterna. A árvore individual não nos deixa ver o bosque de que ela faz parte. Em contrapartida existem outros métodos, como o método dialético, onde cada acontecimento pontual só pode ser compreendido se inserido numa totalidade social. Não existem acontecimentos isolados.

Um exemplo: uma criança de rua rouba um toca-fitas. O noticiário da TV vai mostrá-lo como um fato isolado, sem contexto, sem história, sem relações sociais, procurando provocar no telespectador uma reação única: *"É preciso mais polícia na rua, é preciso linha dura!"* Em nenhum momento se formula a pergunta sobre a história da criança de rua e da sociedade em que vive. Ninguém pergunta: como vive? De onde vem? Que perspectiva de vida tem diante de si? Só se mostra o fato isolado, fora de contexto.

Ao contrário deste mecanismo corriqueiro na TV, o método dialético enfatiza sempre o contexto social e a história que, como totalidade, confere sentido a cada acontecimento pontual. Esta totalidade social precisa ser analisada a partir de suas mudanças históricas, a partir de sua historicidade. Esta historicidade não é um capricho. Tem sua origem nas contradições internas que a perpassam. Se a sociedade não fosse contraditória nunca poderia ser transformada.

Continuaria sempre igual a si mesma. Nossos inimigos seriam vencedores até o final dos tempos! Não teríamos esperança! Mas, de fato, não é assim.

Portanto, o método dialético é uma ferramenta de trabalho imprescindível. Serve para compreender a realidade social e tratar de modificá-la. O método dialético nos ajuda a entender:

- A sociedade como TOTALIDADE
- A sociedade como CONTRADIÇÃO permanente na história
- A realidade social não como uma soma de fatores isolados nem como soma de INDIVÍDUOS, mas como um conjunto articulado de RELAÇÕES SOCIAIS
- A exploração dos trabalhadores não como um fenômeno NATURAL, mas como um processo SOCIAL
- A dominação exercida por nossos inimigos como processo histórico, passageiro, transitório e modificável e não como algo eterno.
- As lutas populares a partir da HISTÓRIA
- A realidade social (o "objeto") a partir das relações sociais entre os sujeitos (sociais, não só individuais)
- A atividade prática (práxis) do sujeito coletivo a partir da história
- A HISTÓRIA a partir das lutas populares e a luta de classes
- A HISTÓRIA a partir da atividade das grandes massas e não dos "indivíduos importantes"

Esse método que nos permite analisar a sociedade capitalista de maneira histórica - recusando a pretensão burguesa de "eternidade" - se chama método dialético.

---

### *O que é dialética?*

---

A dialética é um modo de existência, essencialmente dinâmico e contraditório, que atravessa tanto a sociedade como o pensamento sobre esta sociedade. A dialética se baseia numa unidade inseparável: a do objeto e do sujeito.

Apesar das intenções da TV do sistema, tanto na sociedade como no pensamento, não se pode isolar, por um lado, as relações sociais e, por outro, os sujeitos sociais. Não existem sujeitos à margem das relações

sociais. Muito menos existem relações sem sujeito. Ambos se pressupõem reciprocamente, se articulam a partir de contradições. Ambos se modificam, historicamente, a partir destas mesmas contradições.

---

### *Quando surgiu o método dialético?*

---

Mesmo tendo surgido há muitíssimo tempo com os primeiros filósofos ocidentais na Grécia (no século sexto a.C.), seu principal elaborador foi um filósofo alemão chamado J.G.F. Hegel (1770-1831). Hegel não era um pensador a serviço dos trabalhadores. Não queria o socialismo. Era um burguês. Mas em sua época, há dois séculos, a burguesia tinha pretensões de mudar o mundo. Era revolucionária. Por isso Hegel, o principal filósofo burguês daquele tempo, elaborou uma concepção dialética da realidade e do pensamento.

Mais tarde, Karl Marx (1818-1883) e Frederico Engels (1820-1895) se apropriaram dessa concepção dialética e a utilizaram a serviço dos trabalhadores contra a burguesia. Mas não a tomaram do mesmo jeito que Hegel havia formulado (ambos admiravam Hegel por ter colocado em primeiro plano as contradições e a história, a unidade do sujeito com o objeto, mas reprovavam o fato de ele ter confundido a realidade social com o pensamento acerca dessa realidade).

O método dialético nos permite estudar a sociedade de um modo histórico e do ponto de vista dos trabalhadores.

---

### *Qual a filosofia que nos ajuda a refletir sobre o modo que nossos inimigos deixam marcas no senso comum?*

---

Os trabalhadores necessitam de uma filosofia que não somente questione a concepção de mundo da burguesia, mas que também coloque na atividade revolucionária o foco e o eixo de sua concepção de mundo. Se o que queremos é questionar a sociedade capitalista atual, necessitamos de uma filosofia que coloque sua ênfase na transformação do mundo. A chave das mudanças está na prática, na ação transformadora, na atividade das massas populares e não no olhar passivo e na confortável contemplação de como são as coisas, hoje em dia.

Numa linguagem “técnica” da história da filosofia, a atividade é denominada como “práxis”. Portanto, nossa filosofia deverá ser uma filosofia da práxis. Porém, não de qualquer práxis, mas de uma atividade transformadora articulada, a partir da história e das contradições de classe (precisamente o que a propaganda do poder e dos meios de comunicação escondem, deformam ou disfarçam). A práxis, a transformação e a atividade revolucionária são a chave para compreender a transitoriedade do capitalismo. Essa concepção de mundo que se conhece como filosofia da práxis tem como centro:

- a atividade das massas populares
- a criação permanente
- a iniciativa política dos/as revolucionários/as
- a unidade do dizer, sentir e o fazer
- o vínculo da teoria com a prática
- a vontade de luta
- a recusa da passividade
- o questionamento de toda visão da sociedade que pretenda olhá-la de fora e sem intervenção
- uma concepção de sujeito em que este nunca é individual e isolado, mas que está formatado por um conjunto de relações sociais
- um olhar científico sobre a história onde os principais protagonistas são os sujeitos coletivos
- a compreensão da construção do sujeito coletivo a partir da história, do confronto e do conflito de classes
- uma concepção social da história onde as lutas atuais recuperam todas as lutas do passado e a memória de todas as pessoas ofendidas, humilhadas, marginalizadas, exploradas, desaparecidas, aniquiladas e massacradas
- a crítica da perda de consciência (ou “alienação”) dos/as trabalhadores/as
- o questionamento de todo endeusamento e toda adoração (o “fetichismo”) do dinheiro, da mercadoria, do mercado e do capital.

A filosofia da práxis permite estabelecer, ao mesmo tempo, uma polêmica com diversas filosofias burguesas. Tanto aquelas que colocam seu interesse nas leis da sociedade como se estas existissem

à margem dos sujeitos (chamadas “materialistas”), como aquelas que lidam exclusivamente com os sujeitos, como se estes existissem à margem das relações sociais (chamadas “idealistas”). A filosofia da práxis é a superação das correntes materialistas e idealistas e a crítica do positivismo, do funcionalismo e do pós-modernismo.




---

***O que é o materialismo? O que é o idealismo?***

---

Em filosofia, o termo “materialismo” não significa culto ao dinheiro e ao poder, como é entendido na linguagem popular. Tecnicamente “materialismo” seria o nome da corrente filosófica que tem como eixo aquilo que existe de forma completamente alheia e independente dos sujeitos, suas atividades, sua consciência e suas relações sociais. Do mesmo modo, “idealismo” não significa, em termos filosóficos, ter ideais, como sugere a linguagem popular. “Idealismo” é o nome da corrente filosófica que destaca as realidades espirituais e subjetivas, em detrimento das relações sociais e da história.

---

***O que têm em comum as filosofias materialistas e idealistas?***

---

Ambas, apesar de uma antiga disputa entre elas, se contentam em contemplar o mundo. Mas, na realidade, o que se busca é



transformar e mudar o mundo. A chave não está na interpretação passiva do mundo - seja de modo materialista ou idealista, a favor do objeto ou do sujeito, a favor da matéria ou do espírito - mas na prática revolucionária que pode transformá-lo.

A TV, o rádio e o resto dos meios de comunicação apostam num povo QUIETO e PASSIVO contemplando o que os poderosos fazem com a política. (Na Argentina, um conhecido canal de TV usa como vinheta, entre um programa e outro o "*Fique em casa assistindo TV*" e, no Brasil, "A gente se vê por aqui!").

O pensamento socialista, ao contrário, a partir de seu método dialético e sua filosofia da práxis, aposta num povo que INTERVENHA DE MODO ATIVO para transformar a sociedade.

## BIBLIOGRAFIA

Karl Marx & Friedrich Engels. ***A ideologia alemã*** ( Feuerbach). São Paulo: Hucitec, 1986.

Karl Marx. ***Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos selecionados***. São Paulo: Ed. Abril, 1985. (Coleção Os Pensadores)

Antônio Gramsci. ***O marxismo ortodoxo***. In: *Introdução ao estudo da Filosofia. A filosofia de Benedetto Croce*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

Georg Lukács. ***História e Consciência de Classe- estudos da dialética marxista***. Rio de Janeiro: Elfos, 1989.

Michael Löwy. ***Método dialético e teoria política***. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

Adolfo Sánchez Vasquez. ***Filosofia da práxis***. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

## VI - A CONQUISTA DA AMÉRICA E O NASCIMENTO DO CAPITALISMO

Os problemas sociais da América Latina e do Terceiro Mundo não começaram há pouco tempo. O poder dos exploradores também não. Ambos têm uma longa história. Analisar a sociedade a partir da ótica do método dialético e da filosofia da práxis significa colocar em primeiro plano a historicidade destes fenômenos sociais.

"*O descobrimento*" - afirma Karl Marx em seu livro *O Capital - "das comarcas de ouro e prata na América, o extermínio, a escravização e o sepultamento nas minas da população indígena, a conquista e o saque das Índias Orientais, a transformação da África em um canto reservado para a caça comercial de escravos negros, caracterizam o amanhecer da era de produção capitalista"*. Mais adiante, com ironia, Marx continua dizendo: "*Estes processos idílicos constituem fatores fundamentais da acumulação originária*".

Isto significa que, sem a conquista brutal de nosso continente, sem as matanças, sem a exploração e sem o roubo sistemático de nossas riquezas, não teria existido o capitalismo, em escala mundial, como conhecemos (e sofremos) hoje.

---

### ***Como os capitalistas europeus e norte-americanos fizeram para acumular tanto capital?***

---

Para que a Europa Ocidental e, em seguida, seu filho contemporâneo, os EUA, pudessem acumular imensas somas de riqueza e de capitais, necessários para impulsionar os primeiros saltos tecnológicos da indústria, no final do século 18 e durante o século 19, foi preciso pisar, subjugar, destruir, humilhar e explorar milhões de pessoas.

---

***A soma total de todos esses roubos sistemáticos, realizados entre 1500 e 1750, alcança a cifra de mais de 1 bilhão de libras esterlinas de ouro. Quer dizer, mais que todo o capital reunido em todas as empresas industriais movidas a vapor que existiam na Europa até o ano de 1800!***

---

Desde a conquista e pilhagem do México e Peru até o saque da Indonésia e da Índia, a história dos séculos 16 até o 18 é uma cadeia

ininterrupta de atos de bandagem capitalista. Estes saques contribuíram para a extraordinária concentração internacional de valores e capitais na Europa Ocidental. Sem este fluxo de riqueza do Terceiro para o Primeiro Mundo não teria havido a Revolução Industrial, no final do século 18, a revolução que inaugura a máquina a vapor.

A partir daí duas formas complementares de exploração se combinaram ao saque da América Latina e Terceiro Mundo: a apropriação direta pela força (forma violenta) e a apropriação indireta por meio do comércio desigual (forma “pacífica”).

---

***A conquista e o “descobrimento” da América foi um “ encontro pacífico” de dois mundos?***

---

Este processo social não foi fruto de acordo nem de consenso mútuo e não teve nada de pacífico. É uma grande mentira a interpretação de 1492 (a chegada de Cristóvão Colombo na América) como um suposto “encontro de dois mundos”. Não houve nenhum “encontro”! Para que haja um “encontro” genuíno é preciso que as partes se encontrem na forma respeitosa dos iguais. Na América, ao contrário, não houve igualdade nem respeito pelas culturas de nossos povos indígenas. Foi um massacre perpetuado sem nenhuma piedade. Primeiro, através dos métodos sanguinários da conquista; depois, através dos métodos “civilizados” da exploração capitalista. O conjunto dos assassinatos acontecidos na América no período da gênese do capitalismo europeu não foi acidental nem caprichoso.

Uma coisa é, numa manhã, um indivíduo louco sair por seu bairro e ao acaso matar um vizinho de modo irracional. Isto seria um assassinato realizado por um demente. Outra coisa muito diferente é uma matança de massas e uma destruição planejada, apoiada ao longo do tempo e, inclusive, argumentada filosófica e teologicamente (pois, segundo o relato dos opressores – salvo raras exceções como Bartolomeu de las Casas - os povos indígenas da América, como os povos negros escravizados na África, seriam “seres inferiores”).

Quando a matança de muitas pessoas é feita com o objetivo de subjugar e aniquilar sistematicamente um povo submetido, se chama “genocídio”. A matança de judeus e ciganos realizada por nazistas alemães de Hitler, na Europa, durante a Segunda Guerra Mundial, é um exemplo típico de genocídio (um dos mais sinistros). O assassinato massivo, a subjugação e o aniquilamento de povos, realizados na América pelos colonizadores europeus (espanhóis, portugueses, ingleses, franceses, holandeses e estadunidenses) é também um genocídio. Nos dois exemplos morreram milhões de pessoas.

---

***Os genocídios podem ser explicados a partir da “maldade” de um indivíduo particular (por exemplo, Hitler)?***

---

Nenhum genocídio é acidental. Nenhum genocídio se explica unicamente pela perversão, maldade ou loucura de um indivíduo isolado. Somente pode ser compreendido a partir da história e dos processos sociais. Ao longo da história, o genocídio tem sido uma ferramenta imprescindível na construção do sistema capitalista mundial. O capitalismo não pode existir sem realizar genocídios periódicos que têm a função de “ordenar” e disciplinar a sociedade subjugada. O genocídio americano foi um dos muitos genocídios realizados durante a história do capitalismo. Referindo-se a esta utilização da violência na história por parte do capitalismo europeu nascente, Marx afirmava que: *“A violência é a parteira de toda a sociedade velha, grávida de uma nova. Ela mesma é uma potência econômica”.*



## OS GRANDES DESCOBRIMENTOS: CONQUISTA ou INVASÃO?



HITLER FEZ A MAIOR OUSADIA:  
INVADIU O RESTO DA EUROPA, PROVOCOU  
A MORTE DE MILHÕES, FEZ UM HOLOCAUSTO  
DE JUDEUS, CIGANOS E SOCIALISTAS.

HITLER NÃO  
É CHAMADO DE  
CONQUISTADOR DA  
EUROPA.  
É CHAMADO DE DITADOR  
GENOCIDA E PSICOPATA!



CÓRTEZ INVADIU O MÉXICO, E FEZ  
UM HOLOCAUSTO DE ÍNDIOS!  
PIZARRO FEZ O MESMO NO PERU.  
ESTACIO DE SA' E BRAS CUBAS  
FIZERAM IGUAL NO BRASIL.  
OS ÍNDIOS SÃO OS JUDEUS DO  
TERCEIRO MUNDO, OS NEGROS  
TAMBÉM!

PER QUE CÓRTEZ, PIZARRO,  
MEM DE SA', BRAS CUBAS  
E ESTACIO DE SA' NÃO SÃO  
CHAMADOS DE GENOCIDAS  
E PSICOPATAS COMO HITLER?  
QUE HISTÓRIA  
É ESSA?

O genocídio americano que acompanhou e possibilitou a conquista não foi simplesmente fruto da "maldade" humana. Os conquistadores perseguiram objetivos específicos. Dentre todos, sobressai, em primeiro lugar, a exploração das condições de vida de nossos povos indígenas. Com a apropriação das terras indígenas, suas minas, matas e o roubo de seus metais preciosos (fundamentalmente ouro e prata), os colonizadores despojaram os povos indígenas de suas condições de vida.

Esta finalidade primeira, subordinada à lógica de acumulação capitalista, veio acompanhada de outros mecanismos de violência não menos perversos:

- redução da mulher de nossos povos vencidos a um "prêmio de guerra", com estupro e submissão sistemática;
- destruição sistemática da natureza para submeter as comunidades (como aconteceu, por exemplo, com o personagem infelizmente famoso, Búfalo Bill, que aniquilava massivamente os animais para deixar os povos indígenas dos Estados Unidos sem ter o que comer).

*O machismo mais feroz e o patriarcalismo, combatidos hoje pelo feminismo, e a destruição sistemática da natureza, rechaçada pelos movimentos ecológicos, são, assim como a exploração dos trabalhadores (as), consubstanciais ao capitalismo.*



"Um povo sem ódio não pode triunfar contra um inimigo brutal", afirmava Che Guevara em seu testamento político. O ódio e a indignação que a memória destes processos gera em nossos povos são plenamente justificados. São legítimos e são necessários. Estranho seria não sentir ódio diante de tanta injustiça. Mas o ódio e a indignação - em si mesmos - não são suficientes. Temos que entender o que realmente houve, para impedir que estes fenômenos se repitam. Temos que dar um passo para além da indignação.

---

### Como explicar estes processos?

---

A concepção científica da história que é a filosofia da práxis - elaborada por Marx e Engels - aponta para determinadas razões que permitem compreender semelhantes processos de dominação e submissão.

Durante a Idade Média europeia, principalmente nos séculos 9 e 10, se desenvolveram as primeiras grandes cidades italianas. Aí se organizaram as primeiras empresas capitalistas que não funcionavam para satisfazer necessidades humanas, mas sim para obter dinheiro e lucro. Mas, naquele tempo, este processo econômico ainda era bem pequeno. Somente alcançava a periferia marginal da vida econômica que estava centrada na produção para o consumo (se produz não para obter lucro e sim para satisfazer as necessidades de alimento, vestimenta, moradia, etc.). A busca de dinheiro como um fim em si mesmo ainda não era predominante. Somente nos séculos 15 e 16 a forma capitalista conquista o coração da sociedade europeia. O capital deixa de estar recluso nas margens da sociedade para ocupar o centro. Estas formas iniciais de capital giram ao redor do capital comercial (aquele que compra de um lado para vender de outro e assim obter lucro). É essa forma inicial do capital que vai financiar as expedições de Colombo e seus seguidores. Por isso, a empresa europeia que faz a conquista é uma empresa surgida no calor do nascimento do capitalismo. Ainda que assumindo formas de "barbárie" e de violência das sociedades pré-capitalistas (como a escravidão e o feudalismo), a conquista da América pela Europa esteve subordinada, desde sua origem, a uma lógica tipicamente capitalista: a conquista de novos mercados.

A invasão europeia, a matança sistemática, o roubo, o saque, o estupro das mulheres, a destruição da natureza, a exploração e a conquista de nossos povos interromperam o desenvolvimento interno das sociedades americanas.

Em nosso continente, antes da chegada dos europeus, existiam diversos tipos de organização social, de povos e de culturas. Entre outros povos, os cherokee, caddo, hasinai, apalache, sekani, carrier, sioux, comanche, omaha, kiowa, apache, kichai, arapajó, cheyene, zapoteco, mixteco, tlapaneco, huasteco, tlaxcalteca, totonaca, maya, lacandón, zoqué, tzeltal, chol, tzotzil, quiché, poloman, otomí, nicarao, araucano, aymará, bororó, calchaquí, chibcha, diaguita, guaraní, jibaro, ona, puelche, quechua, tehuelche,

yanomami, tupi, guaicurú, kayapó, tupinambá, arwak, karajá, mapuche, sateré, mawé, macuxi, marubo, xavante, baniwa, wapichana, ingarakó, tucano, paraná, guarani, kaingang, kaiowaa, xokleng, mynky, terena, pataxó, hã hã hãe, tikuna, krahô, m'byá, zuruahã, nivacché, nivaclé, etc, etc, etc. A quantidade de povos e culturas é imensamente maior do que mostram os filmes yanques de Hollywood.

Estas culturas e muitas outras que não mencionamos tinham maior ou menor desenvolvimento, extensão territorial e poder, mas todas sofreram um impacto brutal com a conquista. Os povos indígenas que sobreviveram a este massacre inicial e a todos os outros que vieram depois, de modo sistemático seguem, ainda hoje, lutando e resistindo em todas as regiões do continente.

Desde o norte do Canadá, Estados Unidos e México, passando por Guatemala, Equador e Colômbia, chegando até o sul do continente na Bolívia, Argentina, Paraguai, Brasil e Chile. Em todos os países da América, apesar do genocídio, apesar do racismo de Estado (que continua intacto, ainda que *melhorado*), apesar das políticas estatais que apontam para aniquilar e desmobilizar todo confronto, os povos indígenas seguem resistindo contra o capitalismo e o imperialismo, como parte da luta popular e do conjunto da classe trabalhadora.

Mesmo que a rica variedade de culturas americanas, de ontem e hoje, abarque um campo praticamente inesgotável, algumas sociedades conseguiram construir, antes da invasão de Colombo, sistemas sociais e institucionais com extensões territoriais inclusive maiores que os atuais Estados-nação estruturados no continente.

Sem desconhecer a rica variedade e a multiplicidade cultural destas sociedades (que não podem ser reduzidas ao esquema racista que quer "classificá-las" nos museus, e tentam reduzi-las às políticas oficiais das diferentes burguesias latino-americanas), algumas das mais importantes foram a sociedade Inca, no Peru, e a sociedade Azteca, no México, sem esquecer os povos de origem Maya, muitos deles agrupados na resistência do zapatismo.

Apesar dos relatos simplificados, junto a estas três grandes culturas, existiram e continuam existindo, muitos outros povos indígenas que conseguiram sobreviver e resistir à dominação. Entretanto, estas sociedades mais estruturadas foram tomadas como arquétipo (símbolos) porque conseguiram chegar mais longe em seu poder, na sua arquitetura

institucional e na extensão territorial. Tanto os Incas como os Aztecas estavam organizados a partir de um modo de produção que combinava a exploração comunal da terra com o tributo ao rei-deus que governava de maneira autoritária em nome de todas as comunidades.

---

***Como surgiram estes grandes impérios indígenas da América, por exemplo, os Incas, conquistados e massacrados pelos colonizadores europeus?***

---

Na história de toda a humanidade (não somente a humanidade européia...) a comunidade primitiva era formada por membros que se ocupam da natureza e vivem da caça, da pesca e da coleta de frutos. Não estão assentados em nenhum lugar determinado. Os assentamentos vão surgir quando começam a se dedicar à agricultura. Mais tarde, à medida que avança a capacidade do trabalho humano (criando novos instrumentos e técnicas), os membros da comunidade produzem mais do que antes. Já não satisfazem unicamente suas necessidades básicas. Surge, assim, um excedente. Uma parte do que se produz sobra, e não é consumido imediatamente.

Com o desenvolvimento do trabalho, a separação da agricultura e do artesanato e o crescimento da população, tornou-se necessário realizar tarefas em comum e centralizadas entre várias comunidades. Surge então um poder que se encarrega de proteger os interesses comuns e afastar os interesses contrários. Além disso, realiza grandes obras que beneficiam todas as comunidades; cada uma, isolada, não poderia realizar a construção de canais, andares para a irrigação da terra.

No começo, este poder cumpre uma função social. Mas ao mesmo tempo começa a explorar, a viver do trabalho alheio. Também no caso dos Incas. A exploração de toda uma comunidade por parte de um poder centralizado, semente do Estado, assume uma figura respeitada e reverenciada por todos os membros das comunidades. Assim como no Egito antigo é o faraó, em outras partes é o rei-deus. No Peru é o Inca. O poder centralizado e encarnado no Inca passa a ser o proprietário da terra, substituindo cada comunidade. Portanto, entre o indivíduo e a terra se coloca primeiro sua comunidade e, segundo, a comunidade superior ou o Estado encarnado no rei-deus.

O Inca explora, de forma autoritária, as comunidades locais porque se apropria de seu excedente na forma do tributo, mas entre eles ainda não havia surgido a propriedade privada da terra. A exploração de camponeses das tribos conquistadas pelos Incas - que continuam produzindo de forma comunitária - é coletiva, e não individual.

Então, antes da chegada dos europeus, os Incas se encontravam na transição para a formação do Estado e havia uma forma embrionária de exploração classista sem propriedade privada da terra. Naquele tempo estava em formação uma burocracia estatal (com a existência de funcionários especializados que serviam ao Inca e administravam a "comunidade superior" e seus trabalhos agrícolas em grande escala).

A conquista européia interrompe esta evolução e insere a sociedade incaica, como a asteca e outras mais, numa lógica diversa. A partir daí, os colonizadores estabelecem plantações ou explorações minerais que se utilizam, internamente, de formas de submissão do trabalhador típicas das relações sociais pré-capitalistas. Os trabalhadores de origem indígena não recebiam salários por seu trabalho e os escravos negros trazidos à força da África, também não.

---

***O que acontecia na sociedade americana antes da primeira invasão dos europeus?***

---

Na América colonial - depois da Conquista - não existem trocas "livres" e salariais entre fazendeiros e trabalhadores. Este seria um requisito mínimo para que comece a predominar a relação social tipicamente capitalista: um patrão que paga um salário, um trabalhador que aluga sua capacidade de trabalhar. Uma relação puramente econômica entre os dois. Pelo contrário, na América colonial existiram múltiplas formas extra-econômicas que obrigavam ao índio e ao escravo negro a trabalhar pela força e sem pagamento.

Entretanto, ainda que o fazendeiro local e o patrão europeu usassem de formas de submissão não econômicas, o produto que resultava da exploração (o açúcar do Brasil e Cuba, a prata da Bolívia, o charque da Argentina, o café da América Central, etc.) era vendido no mercado mundial. Não se produzia para o consumo. A produção era pensada na forma mercantil para a venda, para obter dinheiro na troca.



Deste modo, na América colonial - posterior à Conquista e à destruição dos impérios comunais-tributários dos Incas e Aztecas - se formou um tipo de sociedade que articulava de forma desigual e combinava relações sociais pré-capitalistas com uma inserção tipicamente capitalista no mercado mundial. As relações sociais eram distintas entre si, estavam combinadas e umas predominavam sobre as outras.

---

**Conclusão: O nascimento do capitalismo como sistema mundial teve roteiros distintos nas diversas regiões do planeta. Apesar do que se ensina nas escolas de nossos países, nunca houve um desenvolvimento linear, homogêneo e evolutivo.**

---

Na Europa ocidental, o nascimento do capitalismo esteve precedido pelo feudalismo e, antes, pela escravidão e a comunidade primitiva. Em vastas áreas da Ásia e África, este movimento seguiu um caminho diverso: da comunidade primitiva ao modo de produção asiático e daí para o feudalismo, ou também da comunidade primitiva ao modo de produção asiático e daí para o capitalismo. A escravidão - típica na Grécia e Roma antigas - não foi universal. O feudalismo, também não.

Na América Latina, se passou das sociedades comunais-tributárias para uma sociedade híbrida, inserida no mercado mundial capitalista (subordinada à sua lógica) e baseada num desenvolvimento desigual e articulado de relações sociais pré-capitalistas e capitalistas.

---

**O atual atraso latino-americano e a crise permanente de nossas sociedades não são, então, produtos de "vingança" ou da "incapacidade" de nossos povos para alcançar o progresso. São produtos diretos de uma longa e extensa exploração capitalista.**

---

## BIBLIOGRAFIA

Karl Marx. *A acumulação originária do Capital*. In: *O Capital*. capítulo nº 24, tomo I. São Paulo : Ed. Abril Cultural, Os Economistas. Maurice Godellier. *Natureza e Leis do Modo de Produção Asiático*. p. 83-97. In: Philomena Gebran. *Conceito de Modo de Produção*. São Paulo: Paz e Terra, 1978. Caio Prado Jr. *História do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1973. Eduardo Galeano. *As veias abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

## VII - A SOCIEDADE CAPITALISTA : O CAPITALISMO COMO MODO DE PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO

Em muitos filmes de Hollywood, tentaram nos convencer que o capitalismo é sinônimo de "mundo livre". Supostamente, qualquer pessoa, de qualquer classe social, de qualquer cor, pode chegar a ser um milionário. Bastaria se esforçar e economizar. Quem não consegue, é simplesmente "um perdedor". A culpa do fracasso é pessoal.

Os grandes jornais sensacionalistas do sistema insistem com a mesma idéia. O destaque da manchete é dado para o caso de um ex-trabalhador ou empregado que virou milionário porque ganhou na loteria ou para o pai de uma estrela do futebol internacional que, antes, vivia na favela, e agora vive num palácio.

No caso dos homens, é comum explorar ao máximo a trajetória clássica do campeão mundial de boxe: da fome e da miséria do bairro de periferia, diretamente para a fama, as festas, os carrões e as mansões. Para as mulheres, a televisão apresenta um possível atalho. Milhares de novelas recriam a cada dia na TV o velho conto machista da Cinderela: a empregada doméstica se casa com o patrão e, com vestidos novos e jóias caras, sobe milagrosamente de classe social.

---

***Sempre se trata de uma subida individual. Os antigos companheiros de miséria continuam na miséria. Agora serão olhados de longe e de cima.***

---

Estes relatos dos jornais e revistas, estas novelas e estes contos infantis reproduzem cotidianamente a concepção de mundo das classes dominantes. Transformam em senso comum os mitos ideológicos fundantes e as fantasias perversas da sociedade capitalista. Na vida cotidiana, o capitalismo que existe é muito diferente. Teremos que estudar, então, como é mesmo que funciona.

---

### ***O que é o capitalismo?***

---

É um modo de produção historicamente determinado. Todo modo de produção é um conjunto articulado de relações sociais. Na história existiram muitos modos de produção. Antes do capitalismo existiram outros modos de produção:

- A comunidade primitiva: baseada em laços de sangue, de parentesco, de língua, de costumes. Predomina a propriedade comunitária da terra (quando se supera a etapa de coleta de frutos e da caça de animais), a produção e o consumo de auto-subsistência - fundamentalmente sem excedentes - e a divisão sexual do trabalho. Não existe um Estado separado da sociedade.
- O modo de produção asiático: surge quando já existe um excedente econômico a ser repartido. Já apresenta um início de poder estatal centralizado que organiza as grandes obras de irrigação (necessárias na Ásia) e explora de forma autoritária as comunidades rurais apropriando-se de seu excedente, ainda que mantendo a posse comunitária da terra. Nas civilizações americanas, pré-colombianas, este modo de produção combinava a propriedade comunal com a existência de tributo devido ao poder centralizado.
- A escravidão: pressupõe (na Grécia e Roma antigas) a produção de um excedente e a propriedade privada da terra. Baseia-se no emprego de mão-de-obra escrava ao lado de um campesinato livre. Pressupõe a separação entre a agricultura e o artesanato. Já existe o Estado que garante a dominação necessária para o controle dos escravos e a apropriação coercitiva do excedente. Nos Estados Unidos, por exemplo, durante o século 19 se manteve a escravidão, mas subordinada completamente ao capitalismo.
- O feudalismo: na Europa ocidental, se baseava na servidão da mão-de-obra empregada nas grandes extensões territoriais e na pequena produção artesanal nas pequenas cidades que surgiam; o predomínio da produção de valores de uso sobre os produtos fabricados para o mercado, e o contrato jurídico entre o senhor e o servo. A propriedade do senhor estava subordinada por sua vez à hierarquia dos senhores. O senhor feudal é um vassalo do rei. Os camponeses devem pagar um tributo em espécie ou em dinheiro com o excedente que produzem na forma privada. Agrupam-se em aldeias.

Ao longo da história da humanidade, estes modos de produção nunca existiram de forma "pura". Cada uma das relações sociais se combina entre si e com outros modos de produção, ainda que, em cada sociedade concreta, um tipo de relação social termina predominando sobre o conjunto. Quando o modo de produção

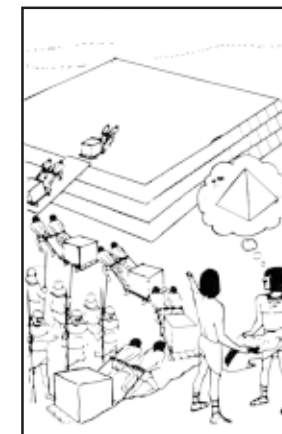
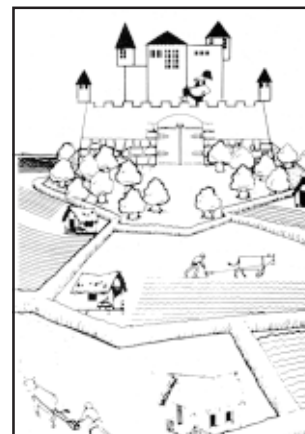
capitalista surge e se consolida - principalmente na Europa ocidental - as relações sociais de capital terminam predominando e subordinando as relações sociais anteriores. O capitalismo reorganiza a sociedade em novas bases - pela primeira vez em escala mundial. Este novo tipo de ordem social está baseado fundamentalmente na:

- produção de mercadorias
- produção de mais-valia
- produção (alienada) da subjetividade
- produção de hegemonia
- produção de violência sistemática
- produção e reprodução da relação social do capital

---

### *Como era antes do capitalismo?*

---



Nas sociedades anteriores ao capitalismo (feudalismo europeu, modo de produção asiático ou o modo comunal-tributário da América antes da conquista) existia uma relação direta entre o ser humano e suas condições de vida. As condições de vida são todas aquelas instâncias que permitem ao ser humano trabalhar e reproduzir sua vida um dia depois do outro, ano após ano. Antes do capitalismo, a principal condição de vida era a terra. Assim, a grande maioria do que se produzia era valor de uso. Sua finalidade era o consumo direto e a sobrevivência, destinado a satisfazer as necessidades humanas (comida, vestimenta, moradia). Só uma parte pequena era produzida para o comércio ou as trocas.

Antes do capitalismo, a produção de objetos como valores de troca - quer dizer, como mercadoria destinada à troca ou ao mercado - era periférica e minoritária. Somente com a emergência do capitalismo a produção de mercadoria - objetos destinados à troca - se torna absolutamente predominante sobre outras formas de produção. Do mesmo modo, antes do capitalismo, o conceito de propriedade expressava uma relação direta entre o ser humano (o sujeito) e suas condições de vida (o objeto), mediadas pela comunidade.

Para que o capitalismo possa se constituir sobre suas próprias bases é necessário uma grande soma de dinheiro para se lançar no mercado e obter lucros. Essas imensas somas de dinheiro provêm da exploração dos trabalhadores e do trabalho não pago apropriado pelos empresários, banqueiros e latifundiários.

---

***Mas antes que o modo de produção capitalista tivesse se concluído, de onde vêm as primeiras grandes somas investidas no mercado?***

---

A única fonte de origem desses bens é bem diferente daquelas que as novelas e os contos infantis nos contam. A primeira acumulação, a originária, a que inicia todo o ciclo de exploração dos trabalhadores e o enriquecimento do capitalista, não está nem nas suas economias nem no esforço individual, muito menos na loteria. A origem está na expropriação violenta dos camponeses, da conquista e do saque do Terceiro Mundo e da ruptura da propriedade (quer dizer, da ruptura da relação direta entre o ser humano e a terra).

Esta ruptura e esta expropriação não foram feitas de “comum acordo”. Não houve um “contrato social” onde todos se puseram de acordo, por consenso, em deixar a posse direta de suas terras. O que houve foi violência extrema. A sociedade moderna capitalista é filha desta violência. Não nasceu como produto de livre acordo, mas sim de uma brutal coerção e imposição capitalista.

Através desta violência extrema (roubos, saques, prisões, massacres, conquistas, escravização, etc.) a propriedade da terra foi fraturada. Tanto na Europa Ocidental quanto no Terceiro Mundo. De um lado ficaram os camponeses europeus e os índios americanos. Todos perderam seu vínculo com a terra. Ficaram pelados e “livres” (livres

porque já não tinham acima deles um senhor feudal - no caso europeu - ou um rei-deus - no caso americano - mas também livres porque não tinham propriedade). Somente ficaram com a “capacidade corporal para trabalhar” que Marx chama de “força de trabalho”. A existência de força de trabalho “livre” é, então, um produto artificial - e violento - da história moderna.

Do outro lado, ficaram as terras e as condições materiais de vida (o que Marx chamava de meios de produção). Como escravos - majoritariamente de origem africana - eram considerados por seus amos como coisas e objetos, nessa ruptura da propriedade comunitária da terra ficaram do lado dos meios de produção. No olhar de seus senhores, os escravos não eram mais do que um tipo especial de “ferramenta”, aquela que fala. No capitalismo, tanto a capacidade humana de trabalhar, ou força de trabalho, como os meios de produção se transformam completamente em mercadorias. São comprados e vendidos no mercado.

Então, com a ruptura da propriedade comunitária (entendida como “expropriação”), de um lado, ficaram os sujeitos e, de outro, o objeto. Entre estes dois pólos se colocaram os banqueiros, os comerciantes e os recém -surgidos empresários, que impunham sua disciplina de ferro. Assim nasceu a relação social que Marx chamou de “capital”.

---

***O que é o capital?***

---

O capital não é uma coisa, uma soma de “fatores de produção”, uma soma de máquinas e ferramentas, uma simples soma de dinheiro. O capital é uma relação social de produção que relaciona, por um lado, os donos do dinheiro e dos meios de produção (previamente expropriados) e, de outro, os trabalhadores que só são donos de seus corpos, de sua capacidade de trabalhar, de sua força de trabalho.

Uma vez que a sociedade capitalista se baseia no mercado, e como o mercado implica na falta de controle dos produtores sobre seus próprios produtos, sobre suas práticas e sobre suas relações sociais, a sociedade capitalista gera, invariavelmente, alienação e fetichismo.

A alienação se constitui num processo de perda de controle. O que é que se perde no capitalismo? Perde-se a possibilidade de gerenciar racionalmente a economia tendo como base as necessidades da imensa maioria da sociedade, e não tomando como base a busca frenética de lucro para a pequena minoria de empresários.



Perdendo toda a racionalidade, o mercado capitalista fica independente das pessoas, adquire vida própria e se volta contra as pessoas. Os trabalhadores, que são os criadores da sociedade, de suas riquezas e seus valores, terminam submetidos pelo produto de seu próprio trabalho. Esta inversão, onde as coisas valem mais que o ser humano, se chama alienação.



***Quanto mais brilha o mundo das mercadorias e dos valores do mercado, menos vale e menos importa o ser humano.***

O fetichismo é o processo de inversão pelo qual os seres humanos e suas relações sociais se tornam coisas ("coisificação") e as coisas adquirem características de seres humanos ("personificação"). Esta inversão entre o sujeito e o objeto, entre as coisas e os seres humanos, é chamada de fetichismo porque adorar uma coisa consiste, precisamente, em adorar um fetiche (ídolos, objetos, dinheiro, etc.).

Então, a relação social de capital se constitui como relação social alienada, coisificada e fetichizada: os meios de vida ganham existência autônoma, e os(as) trabalhadores(as) se transformam em coisas, são feitos simples mercadorias que se pode comprar e vender no mercado ( ali onde o patrão compra a capacidade de trabalhar em troca de salário), como se fosse uma mercadoria como outra qualquer.

O capital é uma relação social que "vive", que tem existência autônoma, é dinheiro que por si só gera mais dinheiro, graças à exploração produtiva da força de trabalho. Sem esta exploração não pode crescer. Inclusive quando se deposita uma quantia de dinheiro no banco e, depois de um mês, este dinheiro aparentemente "cresceu" sozinho, na realidade, este "crescimento" provém do outro lado. O lucro bancário - a forma mais enganosa de capital, pois aparenta "crescer"

sozinho, sem trabalho operário - não tem vida própria. Seu "crescimento" tem sua origem no trabalho não pago dos trabalhadores da indústria, parte que os industriais dão aos banqueiros sob a forma de lucro pelo dinheiro que os banqueiros haviam emprestado.

***Sempre, em todos os casos, o crescimento do valor do capital tem sua origem na expropriação do trabalho.***

Um exemplo: os capitalistas pagam, na forma de salário, somente uma parte do trabalho incorporado pelos trabalhadores nas mercadorias. Toda uma parte do trabalho, realizado e incorporado que concretiza a mercadoria (que é vendida no mercado) "não entra" no cálculo do valor que o capitalista paga ao trabalhador, por ter utilizado sua capacidade de trabalhar. Essa parte que "não entra", mas que foi realizada, é a mais-valia, o núcleo do lucro empresarial.



Dentro desta compreensão de trabalho explorado, que alimenta o lucro empresarial, não está somente o trabalho não pago realizado pelo trabalhador ou trabalhadora no espaço da fábrica ou da empresa. Também existe um outro trabalho não pago... menos “visível” que o trabalho nas fábricas, mas não menos explorado pelo sistema capitalista.

---

***O trabalho realizado em casa para que cada trabalhador(a) e sua família possa comer a cada dia, possa vestir-se e possa voltar no dia seguinte para ser explorado na empresa, também é trabalho não pago. É chamado TRABALHO DOMÉSTICO – serve para manutenção e reprodução da prole. Na sociedade capitalista, machista e patriarcal, esse trabalho doméstico é basicamente realizado pelas MULHERES.***

---

O capitalista não paga este trabalho, mas precisa e se utiliza dele. Não só se apropria do trabalho doméstico de forma “gratuita” (porque não entra no cálculo do salário), como nem mesmo o reconhece como trabalho. Aparece misturado, graças a diversos mecanismos hegemônicos vinculados à cultura, às tradições, etc, com uma aparência de “puro afeto” (da mãe para com os filhos e o marido, da esposa para com o companheiro, etc.). No interior da família o afeto existe, mas está justaposto com a necessidade de reprodução social capitalista que não tem nada a ver com “afeto”, mas sim com a exploração. Se fosse calculado o valor do salário incluindo o custo do trabalho doméstico, o lucro empresarial se reduziria de forma galopante e o salário do trabalhador aumentaria de *forma inversamente proporcional*.

---

***A exploração do trabalho doméstico é VITAL para o sistema capitalista!***

---

Essa é uma das muitas razões pelas quais o sistema capitalista precisa reproduzir no plano da subjetividade e das relações de gênero as normas e condutas de submissão patriarcal, culturalmente consideradas “normais” e “naturais”.

O capitalismo é um sistema de exploração que, necessariamente, se alimenta de diversas dominações justapostas e combinadas. A exploração das mulheres – duplamente exploradas: como trabalhadoras

na empresa e como trabalhadoras no espaço doméstico - é um dos instrumentos fundamentais para a reprodução do capital.

A dominação da mulher não se limita somente às formas tradicionalistas ou conservadoras da vida cotidiana (as mais visíveis e, por outro lado, também as mais questionadas nas discussões sobre gênero, inclusive pela direita liberal ou nos filmes norte-americanos). A dominação da mulher se encontra no coração mesmo da sociedade e do sistema capitalista e de sua reprodução.



---

***Não pode haver emancipação real da mulher, à margem ou excluindo a luta contra o sistema capitalista.***

---

Homens e mulheres, capitalistas e trabalhadores, constituem grandes aglomerados de pessoas que se denominam classes sociais. As classes sociais se definem pela posse ou não dos meios de produção e por sua experiência de luta e consciência de classe. A classe operária, a classe genuinamente revolucionária da sociedade moderna, se constitui como tal, na medida em que toma consciência que foi expropriada e consciência de seu antagonismo e contradição com seu inimigo, a classe capitalista. Essa consciência nunca surge automaticamente. É produto do conflito e da confrontação. Assim se forma e se desenvolve a história.

No capitalismo, a força de trabalho produz mais valor do que

ela mesma vale. O valor da força de trabalho equivale à soma total dos valores de todas as mercadorias necessárias para que a família trabalhadora subsista e a pessoa assalariada possa voltar a trabalhar, no mês seguinte. O preço do que vale a mercadoria força de trabalho tem um nome: salário. No capitalismo (mesmo com variações) o salário sempre é menor que o valor total do que produz a força de trabalho. A diferença entre o valor de tudo o que se produz e o valor de tudo que se paga em salários, tem outro nome: mais-valia.

A mais-valia é a expressão do trabalho excedente que na sociedade capitalista os trabalhadores realizam. A mais-valia expressa aquele trabalho que o patrão não paga. Mas não é um “roubo”, ou, em todo caso, é um roubo absolutamente legal. A mais-valia é um trabalho não pago. Essa é a fonte autêntica do lucro empresarial. O lucro não provém de “comprar barato e vender mais caro”, mas sim da exploração do trabalho não pago realizado pela força de trabalho e apropriado pelos patrões.

Quando a mais-valia e o lucro que os patrões extraem dos trabalhadores são gastos em objetos de consumo supérfluos e luxuosos - típicos da vida burguesa - não são reinvestidos na produção. Nesse caso a mais-valia e o lucro se destinam ao crédito. Mas se o trabalho não pago obtido pela exploração dos trabalhadores volta a ser investido, nesse caso o que existe é acumulação.

A acumulação consiste no reinvestimento da mais-valia no processo produtivo. Assim se incrementa o valor do capital inicial por meio da transformação da mais-valia em capital adicional. O empresário que não acumula, a longo prazo, não pode competir com outros empresários e quebra. Para além das boas ou más intenções de cada patrão ou do que deseja fazer com seu capital particular, a lógica capitalista de toda a sociedade é comandada pela acumulação. Sua lógica de ferro não permite a discussão livre. O capitalista que sonhar em desafiar esta lógica irá irremediavelmente quebrar.

---

***No que consiste esta lógica? Que forma é esta onde o modo de produção capitalista se reproduz e recria cotidianamente suas próprias relações sociais?***

---

Consiste numa tendência de concentração e centralização do

capital. A centralização do capital consiste na fusão de vários capitais sob um controle comum (em geral, o mais poderoso). O peixe grande come o peixe pequeno. O empresário mais poderoso engole o empresário pequeno. Esta é uma tendência de toda a sociedade capitalista. A concentração do capital - ou acumulação - consiste no crescimento do valor do capital em cada uma das empresas capitalistas como resultado da acumulação e da concorrência.

Como a fonte de lucro capitalista surge da exploração do trabalhador, a relação social do capital não é harmônica. Muito menos pacífica. Existe uma tensão interna, uma contradição que atravessa esta relação. A relação entre a classe capitalista e a classe trabalhadora é contraditória. Esta é a base da luta de classes.

---

***Toda a história da humanidade não é mais do que a história da luta de classes***

---

Sem esta luta não haveria história. Estaríamos igual há milhares de anos. A luta de classes não é uma luta pessoal entre indivíduos. Não depende da bondade ou maldade de um patrão individual (ou de suas pretensões pessoais). É o conjunto da classe capitalista que tem interesses contraditórios ao conjunto da classe trabalhadora. A luta de classes se expressa tanto no nível econômico, como no político e no ideológico. Nos momentos de crise aguda, a luta de classes se expressa no plano político militar. É o momento mais agudo da luta, o da guerra civil entre as classes sociais. De acordo com o método dialético, a contradição está no próprio coração da sociedade de classes. A luta entre as classes não é um “acidente”.

O modo de produção capitalista está atravessado por múltiplas contradições. Uma das principais consiste nas forças produtivas cada vez mais sociais enquanto as relações sociais de produção são cada vez mais privadas e concentradas.

As forças produtivas são constituídas pelos instrumentos de trabalho, a tecnologia, os meios técnicos e a própria habilidade da classe trabalhadora. Marx afirma, em seu livro *A miséria da filosofia (1847)*, que: “A existência de uma classe oprimida é a condição vital de toda a sociedade fundada na contradição de classes. A emancipação da

classe oprimida implica, pois, necessariamente, na criação de uma sociedade nova. Para que a classe oprimida possa libertar-se, é preciso que as forças produtivas já adquiridas e as relações sociais vigentes não continuem existindo umas ao lado das outras.

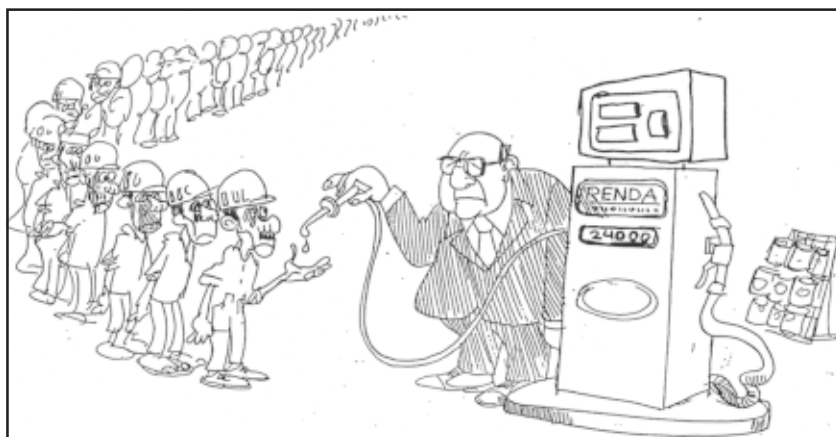
De todo os instrumentos de produção, “a força produtiva maior é a própria classe revolucionária”. As relações sociais de produção são aquelas relações que os seres humanos estabelecem entre si para reproduzir suas vidas trabalhando sobre a natureza.

---

**As diversas épocas históricas e os diversos modos de produção se distinguem entre si, fundamentalmente, pelo tipo de relações sociais que predomina em cada época.**

---

A contradição antagônica e a luta entre as classes (entre quem produz cada vez mais de forma social e aqueles que se apropriam cada vez mais de forma privada) estão aninhadas no coração da sociedade capitalista. A dinâmica da acumulação não é independente desta contradição de classes. Assim, a base do lucro não é “economizar”, nem os ricos são ricos por “esforço”. A base da riqueza e da acumulação é a violência e a exploração de uma classe sobre a outra. Ambas só são entendidas a partir de sua própria história (que os ideólogos capitalistas tentam ocultar sistematicamente com suas narrativas infantis).



---

**A base da sociedade capitalista é a exploração e a dominação de uma classe sobre a outra. Não há um capitalismo “bom” e um capitalismo “mau”, um capitalismo “puro” e um capitalismo “impuro”, um capitalismo “humano” e um capitalismo “desumano”.**

---

O capitalismo é um só: um pequeno setor - cada vez mais minoritário – que vive às custas da imensa maioria dos povos do mundo. Sem esta relação de dominação e exploração o capitalismo não poderia sobreviver. Mesmo que, à primeira vista, o capitalismo gere caos e desordem (os capitalistas competem entre si, há crises, há desperdício de trabalho social, guerras, etc.), na realidade este tipo de organização social tem uma lógica bem precisa: o capitalismo gera sempre mais capitalismo. Por isso, o capitalismo gera sempre novas relações sociais. Não de qualquer tipo, mas sempre capitalistas. O capitalismo se autoproduz, volta a produzir-se diariamente, se reproduz.



---

**Por que o capitalismo se reproduz?**

---

Porque a sociedade capitalista está organizada, de tal maneira, que, de um lado, se acumulam todas as riquezas, os capitais e os valores produzidos pelo conjunto dos trabalhadores de todos os países e, de outro, se acumula miséria, fome, desnutrição e analfabetismo dos povos. A minoria cada vez mais tem mais, a maioria cada vez mais tem menos. Isso não é um “acidente” ou uma casualidade que logo será superada, como dizem os meios de comunicação... isto é a essência do sistema.



Este fenômeno não depende das boas ou más intenções dos empresários, da decência ou da corrupção dos políticos burgueses que os representam, nem do profissionalismo ou do golpismo dos militares que os defendem. Para além das intenções pessoais de empresários, políticos, burgueses e militares, a lógica do sistema capitalista gera essa polarização. Isto repercute sobre o conjunto da vida social.

O capitalismo é, além disso, um tipo de sociedade onde predomina a quantidade sobre a qualidade; as mercadorias e o capital sobre as pessoas; o mercado e as trocas sobre a razão e o amor; o frio interesse material sobre a ética e os valores; o cálculo sobre a amizade e o fetiche do dinheiro sobre os seres humanos. Tudo se compra. Tudo se vende. Tudo tem um preço! O capitalismo rompe todos os preconceitos e sentimentalismo das sociedades anteriores (como a sociedade medieval) e os reduz a uma fórmula única: a do DEVE e do HAVER. Cada pessoa vale de acordo com o que tem. O dinheiro se converte em Deus todo-poderoso deste tipo de sociedade.

O capitalismo sempre foi assim. Não é que “agora funciona mal”. Foi assim, desde seu início. Mas, a partir da última década do século 20, este tipo de organização social experimentou uma violenta expansão. Devorou todo o globo! Mesmo tendo desde sua origem uma estrutura de sistema mundial, a partir da década de 90 o mercado mundial arrastou em sua corrente todas as sociedades nacionais.

A luta atual dos trabalhadores contra os patrões não se origina na “inveja” ou no “ressentimento”. Os trabalhadores lutam contra o capitalismo porque a única maneira de viver melhor pressupõe acabar com este tipo de sociedade. Enquanto um trabalhador consegue subir na vida porque ganha na loteria ou porque seu filho se tornou um ídolo do futebol ou do boxe; enquanto uma empregada consegue subir na vida casando-se com o patrão - casos extraordinariamente raros e excepcionais - milhões seguem afundados no pântano da miséria e da exploração.

A única saída é coletiva! Não virá das “boas intenções” ou dos “bons sentimentos” de um patrão que “se importa com seu país”. Também não dependerá da sorte individual. Dependerá da luta de classes dos trabalhadores de todo o mundo. A luta de classes contra o capitalismo é uma luta por toda a humanidade.

## BIBLIOGRAFIA

- Karl Marx. *A acumulação originária do Capital*. In: *O Capital*. capítulo n. 24, tomo I. São Paulo: Ed. Abril Cultural, Os Economistas.
- Karl Marx. *Formações econômicas pré-capitalistas (em Grundrisse)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975
- Karl Marx. *A transformação do dinheiro em capital*. In: *O Capital*. capítulo n. 4, tomo I. São Paulo: Ed. Abril Cultural, Os Economistas.
- Karl Marx. *O Manifesto Comunista*. São Paul: Ed. Global.

## VIII - O CAPITALISMO COMO SISTEMA MUNDIAL EM EXPANSÃO

O capitalismo é uma maneira de organizar a sociedade em escala mundial. Mesmo tendo nascido na Europa Ocidental, se estruturou desde seu início como uma sociedade em permanente expansão. O capitalismo não pode existir sem conquistar novos territórios geográficos e novas relações sociais.



As primeiras formas assumidas pelo capitalismo estavam centradas no capital bancário e no capital comercial. Durante a Idade Média europeia, os primeiros banqueiros e comerciantes apareceram no século 11. Neste primeiro momento, tanto banqueiros como comerciantes buscavam a obtenção de investimentos e lucros comerciais; entretanto, neste momento, em nível social, predominava a produção de valores de uso para o consumo (valores de uso são todos aqueles objetos que satisfazem necessidades humanas). Mais tarde, nos séculos 15 e 16, as grandes casas comerciais europeias – principalmente italianas – financiaram as viagens expedicionárias em busca de novas rotas comerciais. Nascia o colonialismo moderno: a primeira divisão do mundo em metrópole e domínios coloniais.

A partir deste momento, o capitalismo ocidental europeu se expandiu em nível mundial. Foi a primeira “globalização”, ainda incipiente.

Ao final do século 15 e começos do 16, a partir das viagens de Colombo e seus colegas, o mundo começa a ser unificado sob a tutela e expansão do Ocidente, resultando num esmagamento brutal das sociedades periféricas. É “a tarefa do homem branco” que carrega sobre seus ombros o dever de “civilizar” e evangelizar os “bárbaros” (os povos coloniais).

A América Latina, subjugada e conquistada, entra na “civilização” ocidental capitalista do mesmo modo que a África e a Ásia: como parte da natureza a ser conquistada e evangelizada. A “humanidade” chegava até onde chegavam os brancos, ocidentais, proprietários e varões. Não é por acaso que os índios americanos tenham sido comparados com animais (quer dizer, como se pertencessem à natureza e não à sociedade) pelos conquistadores europeus. Exatamente o mesmo aconteceu com os habitantes da África, que alimentaram a sede capitalista por riquezas com mão-de-obra escrava.

O saque colonialista do Terceiro Mundo possibilita a acumulação originária da Europa. Esta, por sua vez, permite o desenvolvimento da revolução industrial no final do século 18. Com a introdução da máquina a vapor e a passagem da produção artesanal e manufaturada para a grande produção em escala industrial, o capitalismo das metrópoles (principalmente Inglaterra) se expande ainda mais pelo mundo conquistando novas colônias (ou roubando-as de outras potências como Portugal e Espanha). Até o final deste mesmo século 18, acontece na França a principal revolução política dos tempos modernos: a revolução burguesa de 1789.

---

### *O que foi a revolução burguesa?*

---

O arquétipo (o modelo típico) de revolução burguesa europeia foi encabeçada pela burguesia francesa, a mais radical de todas (porque, diferentemente da burguesia inglesa, não negociou com a monarquia e cortou a cabeça do rei). A burguesia realizou sua própria revolução política liderando todas as classes excluídas pela realeza, a nobreza, o clero e a monarquia.

Fez isso tomando o poder e instaurando uma república parlamentar. Fez isto em nome de todo o “povo” mas, na realidade, inaugura a dominação política burguesa (quer dizer, de uma pequena minoria social). Uma dominação anônima, impessoal, generalizada, realizada em nome de “todos os cidadãos”, mas em benefício exclusivo

da burguesia. Mesmo com a coexistência de diversas correntes de idéias no seio da revolução francesa, incluindo os primeiros comunistas como François-Noël Graco Babeuf, o liberalismo se torna hegemônico.



---

### O que é liberalismo?

---

Liberalismo é a doutrina que propõe a livre circulação de mercadorias no terreno econômico. “Deixar fazer, deixar passar” é o lema com o qual o liberalismo enfrenta os entraves que a nobreza colocava para a expansão do comércio burguês. No terreno político, o liberalismo propicia uma forma de governo republicana onde a burguesia pode exercer seu domínio de maneira anônima, geral e impessoal, sem os incômodos da ditadura ou da monarquia.

O século 19 foi na Europa o de consolidação econômica do capitalismo industrial e, em todo o mundo – posterior às viagens de Colombo – da “globalização”. Se em suas origens o capitalismo começou acumulando a partir dos bancos e do comércio, no século 19 foi a produção industrial – sob o reinado da suposta livre concorrência – que consolidou o predomínio mundial do capital sobre um conjunto muito heterogêneo de relações sociais.

Na América Latina, através do impulso e apoio do colonialismo inglês (em disputa com outras potências), as nascentes repúblicas latino-

americanas se tornaram independentes dos velhos impérios coloniais de Espanha e Portugal. Mas, será uma independência formal. Rapidamente, as repúblicas recém-surgidas se convertem em semicoloniais e dependentes. Surge uma classe dominante local, a burguesia dependente, estreitamente ligada e associada – na economia, na política, na cultura e militarmente – ao domínio das metrópoles. As burguesias dependentes são sócias menores da dominação, primeiramente colonial, e depois neo-colonial e imperialista.

É nesse século, que Marx escreve o *Manifesto Comunista* (1848) sobre a expansão do capitalismo e a tendência de unificação do mundo sob o reinado do valor de troca e a produção para o mercado. Nesse *Manifesto*, Marx fala, com outra linguagem, com outra terminologia sobre o que hoje se conhece como “globalização”. Marx assinalava que com o capitalismo “o mundo se unifica”. Também afirma que “o mundo começa a ser redondo, pela primeira vez” a partir dos barcos a vapor, o trem de ferro, o telégrafo, os meios de comunicação que marcaram aquela época.

O capital se expande pelo mundo em extensão e profundidade. Por sua própria lógica interna, o capital necessita expandir-se, tanto em extensão como em intensidade, para “fora” e para “dentro”, se desvencilhando de todo o tipo de relação social que lhe seja adversa, externa ou estranha, que resista; ou sociedades que não tenham sido incorporadas ainda à lógica capitalista. Para dar conta deste processo, Marx utilizará duas expressões que explicam a subordinação e a unificação mundial sob o reinado do valor de troca, o mercado e o capital: subordinação formal (para expansão em extensão) e subordinação real (para a expansão em profundidade).

Por subordinação formal Marx entende a subordinação do trabalho ao empresariado sobre as bases de processos tradicionais de produção preexistentes. Nesse caso, o capitalista domina e exerce o poder dentro da oficina ou indústria, mas sem intervir nem controlar completamente o processo de produção.

A subordinação real designa um processo de poder, mando, dominação, subordinação, coerção, despotismo, autoridade, direção, vigilância, disciplina e controle da empresa capitalista sobre o trabalho, que altera completamente o processo de produção. Neste caso, o capitalista pretende penetrar na mesma subjetividade do trabalhador, enquanto este se rebela e busca resistir.

Como o capital necessita expandir-se permanentemente, o capitalismo nasce como um tipo de sociedade internacional, nasce de modo mundial. Estrutura-se a partir dos Estados nacionais – a burguesia procura construir, historicamente, em primeiro lugar, em cada sociedade, o mercado interno, o exército nacional e o Estado-nação, mas, a partir daí, se projeta sempre em nível internacional, desde suas origens.

No final do século 19, nesta mesma lógica, as grandes potências capitalistas ocidentais se lançam na disputa pela conquista do planeta. A França competirá com os Estados Unidos na tentativa de alcançar a Inglaterra (que naquele tempo estava na frente). Alemanha e Itália estavam atrás porque ainda não haviam se unificado como Estado-nação moderno.

No final do século 19, o mundo já está repartido. Quem quisesse novos mercados para exportar seus capitais (não só seus produtos mercantis) necessitaria começar uma guerra de conquista. É um tempo de salto qualitativo para o capitalismo. O crescimento da competição entre as firmas industriais nacionais dará lugar para o nascimento de grandes monopólios. A livre concorrência das metrópoles e o colonialismo deixam caminho para o nascimento do imperialismo.

Lenin foi um dos principais teóricos do movimento revolucionário em nível mundial (um dos líderes da revolução bolchevique na Rússia, em outubro de 1917, a primeira revolução socialista triunfante na história da humanidade). No livro *O imperialismo, fase superior do capitalismo* (1916), Lenin afirma que com a emergência do capitalismo imperialista, termina a velha dicotomia e competição entre capitais industriais e bancários. Produz-se uma nova fusão onde os mesmos capitais se dedicam à produção industrial e ao mundo das finanças.

Este novo tipo de capital é o capital financeiro, hegemônico nos tempos de imperialismo. Este tipo de capital já não promove a expansão territorial das grandes potências – típica da época colonial onde a grande potência invade e conquista sociedades menos poderosas - mas um tipo de expansão apoiada na exportação de capitais. Estes desejam obter – em troca de seus investimentos – diversos tipos de renda dos países subjugados, concedendo-lhes uma independência política formal, mas mantendo a dependência econômica.

---

### *Quais são as características do imperialismo?*

---

Lenin resume as linhas centrais desta nova fase do capitalismo mundial identificando determinadas características gerais:

- concentração da produção, centralização dos capitais e emergência de imensos monopólios, oligopólios, empresas multinacionais, *trust*, corporações e cartéis
- novo papel dos bancos que abandonam sua antiga competição com os capitais industriais para juntar-se a eles no mundo das finanças
- surgimento do capital financeiro como fusão dos capitais bancário e industrial
- emergência de um setor extremamente concentrado do capital financeiro, denominado “oligarquia financeira”
- exportação de capitais a partir das grandes potências metropolitanas para as zonas periféricas com o objetivo de diminuir os custos em matéria prima e força de trabalho e maximizar os lucros
- divisão do mundo entre as grandes corporações multinacionais seguida da divisão do mundo entre as grandes potências capitalistas

Não se pode entender as duas grandes guerras mundiais (e todas as guerras “menores” que se seguiram, ao longo do século 20), sem reconhecer a existência do imperialismo. Somente à luz do imperialismo se pode compreender o genocídio nazista, na Europa, e o genocídio latino-americano, promovido nos anos 70 e 80 pelas ditaduras militares no Paraguai, Brasil, Bolívia, Argentina, Chile, Uruguai, Peru, Guatemala, Nicarágua, El Salvador, etc. Um genocídio que foi articulado metodicamente – com instrutores de tortura e guerra contra insurreições – pelo imperialismo estadunidense. Um genocídio “científico” e racionalmente planejado. Quando o capitalismo consegue interromper a expansão da revolução bolchevique de 1917 e disciplinar a força de trabalho em nível mundial depois da segunda guerra, o imperialismo entra numa nova fase. Se o imperialismo “clássico” existe na Europa Ocidental e Estados Unidos entre, aproximadamente, 1890 e 1940, a nova fase imperialista é inaugurada a partir do final da segunda guerra.



Desde 1945, até princípios dos anos '70, o capitalismo imperialista das metrópoles se consolida sobre uma base comum: o Estado começa a intervir sistematicamente no mercado (a favor dos monopólios); concede-se certa estabilidade trabalhista aos segmentos mais altos da classe operária europeia (a aristocracia operária) em troca de que seus sindicatos respeitem a "nova ordem" capitalista; expande-se o setor capitalista de serviços gerando uma sociedade de forte consumismo. Além disso, gera-se uma inflação permanente como forma de financiamento de créditos para a indústria e o consumo de massas. Continua crescendo – fundamentalmente nos EUA – o setor de armamentos que chega a formar um complexo militar-industrial, ainda poderoso em nossos dias.



***Esta nova fase do capitalismo imperialista das metrópoles, que alguns autores chamam de "neocapitalismo", outros "capitalismo tardio" ou "capitalismo de organização" (fordismo =linha de montagem, em série), se articula no exterior com o neocolonialismo.***

Sem colônias formais a dominação continua no terreno econômico. No total, esta fase do capitalismo dura aproximadamente 30 anos. Três décadas de mansa submissão da classe trabalhadora europeia e norte-americana aos mandos do capital.

Enquanto isso, depois da derrota dos nazistas pelas mãos do Exército Vermelho soviético durante a segunda guerra mundial, se forma

um bloco euro-oriental de países pós-capitalistas (autodenominados "socialistas") liderados pela União Soviética. Estes países têm a desvantagem de terem sido devastados em seus territórios (diferente dos Estados Unidos) pela invasão dos nazistas. Além disso, se consolida entre eles o poder elitista de uma forte burocracia política – formada na Rússia depois da morte de Lenin e da época gloriosa da revolução socialista de 1917 – o que interrompe todo o desenvolvimento da consciência socialista e todo o poder dos trabalhadores.

Esta interrupção assume diversas "teorias" e "doutrinas" oficiais naqueles países, a mais conhecida é a da "coexistência pacífica" com o imperialismo, através da qual a URSS se compromete a não apoiar revoluções de países na órbita ocidental. Esta doutrina se implementa após a morte de Stalin, que previamente havia dissolvido a Internacional Comunista para ganhar a simpatia dos líderes capitalistas ocidentais.

No Terceiro Mundo, nesta mesma época, se sucedem diversos processos revolucionários. Dentre eles, as revoluções do Vietnã, China, Coreia e Cuba emergem como revoluções socialistas. Em outros casos (Argélia e diversas colônias africanas), este processo se limita à independência nacional e à descolonização política.

Na América Latina, com exceção de Cuba, se vive o auge de diversas experiências nacionalistas e populistas encabeçadas pelas burguesias locais (e suas forças armadas) que ensaiam modelos industriais de substituição do que não chega das metrópoles, e cobrindo os espaços vazios das indústrias monopolistas. Esta industrialização latino-americana, deformada e dependente, não modifica a estrutura agrária atrasada de nossos países. Liderada pelos sócios locais do imperialismo e do neocolonialismo, não consegue romper o estreito marco do capitalismo periférico. É uma industrialização pela metade ou uma "pseudo-industrialização", como dizem alguns autores.

O imperialismo consolida, entre 1945 e princípios de 1970, sua hegemonia para os países capitalistas metropolitanos, mas vai lentamente perdendo a iniciativa na periferia do sistema mundial. No começo dos anos '70, por consequência da insubordinação generalizada que se experimentou no ano de 1968 nas metrópoles e de diversas lutas de insurreição no Terceiro Mundo (encabeçada pela revolução cubana na América Latina), o modelo hegemônico do capitalismo tardio do pós-guerra entra em crise. A esta crise se soma a grave crise do petróleo e outra crise do dólar, no terreno econômico.

---

### *Como surge o neoliberalismo?*

---

Respondendo a essas múltiplas crises em nível mundial, o capitalismo retoma as ofensivas econômica, política, militar e ideológica que vinha perdendo ao longo do século. A partir daí se coloca a tarefa de dobrar a classe trabalhadora da metrópole, derrotar as insurreições do Terceiro Mundo e fragilizar os países do bloco Leste. A ideologia que legitima esta ofensiva em nível mundial se chama neoliberalismo. Este retoma do antigo liberalismo do século 18 a bandeira da abertura comercial sem limites e a livre circulação econômica do capital, mas combinando com formas políticas ditatoriais, fascistas e repressivas e idéias culturais extremamente conservadoras e autoritárias.

A primeira “experiência” política, em nível mundial, da nova ofensiva capitalista neoliberal foi o golpe de Estado no Chile, em 11 de Setembro de 1973, realizado pelo general Pinochet contra o presidente socialista Salvador Allende. A partir daí, generalizando a experiência capitalista de novo tipo, a sangue e fogo por todo o continente latino-americano, Margaret Thatcher – na Inglaterra – e Ronald Reagan – nos EUA – aplicaram as novas receitas para o mundo metropolitano. A isto se somou a crise terminal interna do bloco do Leste (que resultou na queda do Muro de Berlim e no desaparecimento da URSS) e uma nova revolução tecnológica das comunicações.

Fruto desse conjunto de processos articulados, o capitalismo, que nasceu há cinco séculos como sociedade em expansão, volta a experimentar uma nova expansão planetária. Uma das características desta nova etapa do imperialismo – cada vez mais agressivo e guerreiro – é a internacionalização da produção. Não somente nas finanças, como dizem os jornais burgueses.

---

***Com o neoliberalismo, o Estado não desaparece, apenas muda de função, ao contrário do que dizem as academias universitárias latino-americanas.***

---

Abandonando o estilo de intervenção que vinha realizando desde 1930 – aproximadamente – e principalmente a partir do final da segunda guerra, o novo Estado capitalista neoliberal continua intervindo

para garantir a renda, o lucro e os interesses dos empresários. Retira-se dos serviços (saúde e educação, por exemplo), mas está mais presente no terreno da repressão interna e na criminalização dos protestos de trabalhadores e camponeses. Com a repressão política, cresce a militarização e a superexploração da classe trabalhadora.

O novo capitalismo imperialista redobra a assimetria de poder e dominação em escala mundial a níveis inimagináveis. Atualmente 600 empresas monopolistas transnacionais controlam os Estados das grandes potências capitalistas e o mercado mundial. Os povos do Terceiro Mundo – não suas burguesias, sócias servis do imperialismo – cada vez mais, estão submetidos. Segundo as Nações Unidas, a fortuna dos 358 indivíduos mais ricos do planeta é superior aos ganhos anuais somados de 45% dos habitantes mais pobres da Terra.

Não é, então, verdade, que o capitalismo segue exatamente igual como no tempo de Lenin, no começo do século XX. Mas, também, não é verdade que o imperialismo tenha desaparecido ou que os Estados-nação tenham desaparecido. O imperialismo continua existindo. Continua existindo o capitalismo. Continuam as guerras. Continua a luta de classes. A classe trabalhadora segue lutando por outro mundo possível, um mundo socialista... A “globalização” atual nada mais é do que uma nova etapa dessa longa história. Como todas as fases anteriores, não é um processo inevitável nem definitivo. É um produto da luta de classes. Uma vez que o capital se universaliza cada vez mais, a luta dos trabalhadores e as resistências populares também se globalizam.

### **BIBLIOGRAFIA**

- Karl Marx. *O Capital*. capítulo nº23, tomo I. São Paulo: Ed. Abril Cultural (Os Economistas)
- Lênin. *Imperialismo, Etapa Superior do Capitalismo*. Obras Escolhidas. São Paulo: Ed. Global.
- Noam Chomsky. *Novas e velhas ordens mundiais*. Rio de Janeiro: Scritta, 1996.
- Cláudio Katz e Osvaldo Coggiola. *Neoliberalismo ou crise do capital?* São Paulo: Xamã, 1999.

## IX - POR QUE O CAPITALISMO NÃO CAI POR SI SÓ?

Capitalismo = Violência + Consenso

“Falta muito para o fim do capitalismo? A que hora vai acabar? Me avisem, assim posso me preparar!” Podemos esperar sentados e, por séculos, até que alguém nos responda a estas perguntas. Porque o capitalismo não “acaba”? O capitalismo se sustenta sozinho, se reproduz. Por isso, não cai por si só. O capitalismo é um tipo de sociedade histórica que enquanto produz de forma generalizada mercadorias e mais-valia, ao mesmo tempo reproduz a relação social do capital.

---

### *O que é reprodução?*

---

A reprodução das relações sociais capitalistas consiste, de um lado, na criação permanente de novos trabalhadores como força de trabalho que se vende e se compra no mercado (como qualquer outra mercadoria) e, de outro, de novos empresários que investem, obtêm lucros e acumulam. O objetivo da reprodução é superar as crises do sistema e toda ameaça revolucionária que crie obstáculos a este processo. A reprodução capitalista, como a dominação burguesa, nunca são exclusivamente econômicas. A reprodução precisa garantir um mínimo de “ordem” para que o conjunto das relações sociais de exploração possa continuar existindo e rendendo frutos de modo “normal”... , quer dizer, de modo capitalista.

A crise consiste na acumulação explosiva de múltiplas contradições que, somadas, fazem balançar a ordem do sistema, abrindo a possibilidade – que não necessariamente se concretiza – da intervenção revolucionária dos trabalhadores para a destruição e transformação do sistema. A “ordem” que o capitalismo precisa não se produz sozinho. A reprodução, sem a qual o sistema capitalista não pode recomeçar ano após ano, também não é “automática”.

Existem múltiplos mecanismos destinados a manter a “ordem”, garantir a reprodução e neutralizar toda intenção política contrária. Em resumo, seus grandes eixos são: a violência e o consenso, o poder e a ideologia, a dominação político-militar e a direção cultural, a força material e a hegemonia. Para explicar este processo, Maquiavel, fundador da moderna ciência política, apelava para a figura de dois animais: a astúcia da raposa e a força do leão.

---

Quanto mais frágil é a dominação capitalista e quanto maior a crise na sociedade, mais violência necessitam os empresários para continuar vivendo do trabalho alheio. Ao contrário, quanto mais sólida e forte é a dominação, mais “democrático” e “pacífico” é o capitalismo. A combinação de violência e consenso dependerá, então, da efetividade alcançada pelo domínio político burguês e sua reprodução.

---

### **A violência:**

Da mesma maneira que, nas origens do capitalismo, durante a acumulação originária, a violência foi a “parteira da história”, durante o capitalismo maduro este papel não desaparece de cena. Ao contrário, periodicamente, quando a crise fica mais aguda e já não são suficientes os mecanismos “democráticos” para manter o povo em seu lugar, as forças repressivas passam imediatamente para o primeiro plano.

O caso das duas guerras mundiais é extremamente expressivo sobre isso. O mesmo se pode dizer sobre o genocídio e o desaparecimento de pessoas durante as lutas sociais dos anos 70 e 80 na América Latina. Quando a dominação burguesa se vê em perigo, o terror mostra seu rosto sem máscara. Um velho refrão diz que *“não há nada mais parecido a um fascista que um burguês assustado”*.

Isto não é algo do passado nem está confinado às sociedades periféricas – supostamente “primitivas” – enquanto que no capitalismo desenvolvido reinaria a paz, a tranquilidade e a concórdia. Durante o ano de 1992, na cidade norte-americana de Los Angeles, o Exército teve que colocar os tanques nas ruas para estancar os protestos da população norte-americana contra o racismo. Mais recentemente, em Seattle (EUA), ou em Gênova (Itália), as forças político-militares do Estado tiveram que sitiá-las militarmente as cidades para conter os protestos populares.

Esta violência não tem nada a ver com a violência dos de baixo, de um homem do povo alcoolizado, que pega uma faca e sai ameaçando irracionalmente, pelas ruas. Muito menos diz respeito à violência de gangues juvenis, de um bairro de periferia, de qualquer cidade do mundo. Nem mesmo com a de militantes sindicais que jogam pedras, durante uma greve de ônibus, num fura-greve.

---

### ***Por que o Estado é necessariamente violento?***

---

Diferente destes exemplos (e de muitos outros parecidos...) a violência do Estado é sistemática, é uma violência racionalmente planejada, é uma violência oficial que conta com milhares e milhares de profissionais treinados e uma imensa e poderosa máquina de guerra. A violência do Estado é uma violência dos de cima.

Mesmo que na TV, nos jornais, na escola nos digam que essa imensa máquina de violência tem como objetivo “defender o país de ataques externos” (quer dizer, de outros Estados), na realidade, no capitalismo consolidado, o inimigo do Estado e da violência de cima está dentro do próprio país. Toda esta maquinaria conta com milhares e milhares de homens armados e dispostos a matar, está destinada a reprimir o povo e os trabalhadores.



---

### ***O que é o Estado?***

---

Não existe uma única definição. Cada ideologia política define a seu modo. O liberalismo burguês, por exemplo, afirma que o Estado é “a nação juridicamente organizada”. Não faz distinção de classes: é “a nação” em seu conjunto, ou seja, todos os cidadãos de um país. O Estado, segundo o liberalismo, representaria a todos igualmente... Isto é o que se costuma ensinar às crianças nas escolas.

A filosofia marxista da práxis questiona esta ideologia liberal. Para o marxismo, para a ideologia da classe trabalhadora, o Estado nunca representa “todos por igual”. O Estado é a cristalização institucional de determinadas relações sociais de força e, por isto

mesmo, nunca é neutro nem independente da luta de classes. O Estado defende a alguns setores em particular. Na sociedade capitalista estes setores pertencem à burguesia. O Estado do capitalismo não é sinônimo de “nação” em seu conjunto. É um Estado burguês.

---

### ***Não se pode confundir o Estado e o Poder com o governo de turno! Chegar ao governo não significa chegar ao Poder.***

---

O Estado burguês conta com um conjunto de instituições repressivas permanentes (que não mudam com um governo de direita ou de esquerda, liberal ou socialista). Estas instituições não estão sujeitas ao voto. Elas servem para garantir a “ordem normal” da sociedade capitalista e a dominação da burguesia: o Exército, a Força Aérea, a Marinha, as diversas polícias, os serviços de inteligência, os juizes, os tribunais, as prisões. O povo, no melhor dos casos, pode

votar num governo (inclusive de esquerda e socialista), pode votar num presidente, pode votar em deputados e senadores.

Mas, o povo jamais vota se deve ou não existir um Exército, se devem existir ou não serviços de inteligência, se devem existir cárceres ou tribunais, se deve existir ou não a polícia. Isto não se vota! Isto não está sujeito a nenhuma eleição. São instituições permanentes que contam com milhares de profissionais treinados para exercer a violência.

O exercício permanente do poder do Estado (não importa quem seja o presidente ou o partido no governo) tem um conteúdo: este conteúdo é o da classe que tem o poder. Esse conteúdo de classe não está sujeito a eleição, não se vota nele. A única maneira de mudar o conteúdo de classe de um Estado é mediante uma revolução. Por



exemplo, o novo conteúdo de classe – nitidamente burguês – que se inaugura, no Estado da França em 1789, corresponde a uma revolução.

Este conteúdo de classe do Estado, permanente, se exerce através de diversas formas políticas. Excluindo uma ditadura, o Estado burguês, em geral, não mostra abertamente suas garras. Disfarça-se de cordeiro. Apreendendo da revolução burguesa vitoriosa em 1789, o Estado burguês fala em nome de “todos”, em nome dos “cidadãos”, em nome da “pátria”, nunca em nome dos empresários e banqueiros que realmente defende. Neste sentido, se o Estado burguês é realmente efetivo, nunca defende a um patrão individual. O Estado burguês defende os interesses da burguesia, como conjunto. Por isso, Marx, no *Manifesto Comunista*, afirma que “*O Estado não é mais que uma junta de negócios comuns da burguesia moderna*”. Quanto mais “comuns” forem os negócios que defende, menos necessitará da violência de suas instituições repressivas que se manterão latentes (só como ameaça).

A verdadeira dominação moderna, que supera as imperfeições da dominação de um rei ou de uma ditadura de um indivíduo (habitualmente um militar), é a dominação anônima, universal e despersonalizada. Quanto mais geral é a dominação, mais difícil é resistir a ela, a partir da classe trabalhadora. Identificar um general Pinochet como o ditador máximo, a serviço dos monopólios capitalistas, é muito mais fácil que identificar o conteúdo de classe de um Estado burguês republicano de um país que funciona na forma despersonalizada, com parlamento, senado, eleições periódicas, imprensa, diversos partidos políticos (de direita e esquerda), juizes “independentes”, opinião pública “livre”, etc.

Pensando precisamente neste processo, Marx diz, no *Manifesto Comunista*, que “*a burguesia, depois do estabelecimento da grande indústria e do mercado universal, conquistou finalmente a hegemonia exclusiva do poder político no Estado representativo moderno*”.

Sob a forma política da república parlamentar, com sua imprensa organizada nas grandes cidades, seus partidos políticos modernos, seu poder legislativo, suas alianças políticas, os fracionamentos políticos de classe, a autonomia relativa da burocracia, etc., o Estado representativo moderno leva ao limite máximo de eficácia o domínio político burguês. Desta maneira se superam as formas políticas impuras,

incompletas e pré-modernas. Existem, então, distintas formas de dominação política: a) monarquia absoluta; b) monarquia constitucional; c) ditadura militar; d) república parlamentar; e) formas híbridas (mistas).

A monarquia absoluta existiu como forma política, no início do capitalismo. A burguesia nascente necessitava concentrar todo o poder do Estado para transformar radicalmente a sociedade e fundar uma nova ordem social. A monarquia constitucional surgiu, no século 17, na Inglaterra, como forma mista de compartilhar o poder nascente da burguesia inglesa e as velhas classes de grandes proprietários de terras. Hoje em dia, diversas sociedades europeias têm monarquias constitucionais, mas nelas já se define, de antemão, o conteúdo absolutamente burguês do Estado.

A ditadura militar (nas formas clássicas europeias do fascismo italiano [1922-1945], do nazismo alemão [1933-1945] ou das ditaduras latino-americanas) expressa uma forma de dominação imperfeita. Mesmo não coincidindo de forma completa ao conteúdo burguês, sem discussão, gera, em geral, fortes resistências populares, inclusive armadas.

Quando o capitalismo experimenta uma crise orgânica a ditadura militar vem para salvá-lo, inclusive assumindo formas menos “puras”. A crise orgânica é uma crise estrutural de longo prazo – distinta da crise pontual de conjuntura, onde somente está em discussão um ministro ou uma medida de governo. A crise orgânica é a combinação explosiva da crise econômica e da crise política... juntas! Consiste na crise e enfraquecimento de um regime político e perda de consenso na população, no conjunto da classe dominante e seus partidos políticos.

Para explicar os governos de força que tentam salvar o poder burguês durante as crises orgânicas, os grandes teóricos do socialismo como Marx e Gramsci, apontam duas formas de dominação. Foram batizadas recorrendo a personagens famosos da história. Marx chamou de “bonapartismo”, usando como exemplo a ditadura de Luis Bonaparte (sobrinho do famoso Napoleão), na França, durante o século 19. O bonapartismo expressaria aquela forma política na qual, durante um período de crise, o exército, a burocracia e o Estado aparentam independência da luta de classes para ser seu árbitro. No bonapartismo, os partidos políticos burgueses se separam da burguesia como classe. Na ordem política, a burguesia passa a ser representada, por exemplo, pelo exército.

Antônio Gramsci recorreu à figura do famoso político romano da Antiguidade, César, para falar de cesarismo. Esta forma política representaria, no terreno político, um equilíbrio aparente de forças sociais em luta. Como fenômeno ainda mais geral, o cesarismo expressaria soluções de compromisso entre setores enfrentados. Seja como ditaduras clássicas ou como ditaduras bonapartistas e cesaristas, os empresários, como classe coletiva e não em nível individual, correm o risco de gerar muita oposição a seu poder. Isto é muito perigoso e explosivo!

---

***Por que é tão difícil identificar os inimigos quando dominam por meio da república parlamentarista?***

---

Com a república parlamentarista, os capitalistas estão mais tranquilos e calmos. Seguem mantendo seu poder sem discussão (o que confere conteúdo de classe ao Estado), mas neutralizam a insubordinação e a indisciplina dos trabalhadores e toda oposição de fundo radical ao sistema, através de um complexo mecanismo de dominação anônimo, impessoal e burocrático.

Quando há crises, a imprensa burguesa publica um grande artigo de “denúncia”. Inicia-se a polêmica... tira-se a pressão da situação. Se o descontentamento cresce, troca-se um ministro. Se isso não acalma o povo, troca-se o governo, mas o poder do sistema permanece inalterado. Muda-se algo... para que nada mude.

---

***A república parlamentarista é a forma burguesa de dominação política mais flexível e eficaz.***

---

Quando a violência do Estado burguês, sua ameaça permanente, seu castigo, sua punição, sua vigilância e sua disciplina são consideradas legítimas pela população, essa violência cotidiana é vivida como... “paz”. A paz, então, não é mais do que o domínio estável da burguesia. A violência precisa, então, de consenso permanente. Não há violência pura, nem nas piores ditaduras. A violência sempre se apoia no consenso. Quanto mais estável é a dominação, mais consenso há.

Esta é a razão pela qual, em determinados períodos da história, o Estado burguês assume outros tipos de intervenção social como a

gestão da escola, dos hospitais e, inclusive durante o capitalismo do pós-segunda guerra, a propriedade dos serviços fundamentais da economia. Em todos estes casos, a função de fundo que cumpre é a de garantir a reprodução do capitalismo em seu conjunto, prevenindo a crise que surgiria de um mercado sem controle estatal. Esse Estado que intervém na economia (doutrina promovida pelo economista inglês John Maynard Keynes) para deter a influência da revolução russa no Ocidente, não é um Estado socialista. Continua sendo um Estado burguês que busca ganhar consenso com finalidade capitalista.

Na construção do consenso, a ferramenta institucional mais próxima com que o Estado conta é a lei e o direito. Maquiavel associava-os à “raposa” em oposição ao “leão”, muito mais feroz, violento e selvagem. Marx define o direito como “a vontade da classe dominante erigida como lei”. Não a vontade de “todo o povo”, mas a vontade da classe dominante.

A Hegemonia

O conceito de “hegemonia” foi desenvolvido antes da teoria socialista e do nascimento do marxismo. Em suas origens dizia respeito ao predomínio de um Estado-nação poderoso sobre outro mais frágil. O marxismo incorpora este conceito à sua filosofia da práxis conferindo um outro sentido. É aplicado na relação entre as classes sociais pertencentes a um mesmo Estado-nação.

---

***O conceito de HEGEMONIA é muito útil para explicar porque o capitalismo não desaba e nem cai sozinho.***

---

A crise latino-americana mostra claramente que o sistema capitalista não resolve os problemas materiais da maior parte da população. Entretanto, é ideologicamente hegemônico. Convince as pessoas que não existe outra forma de viver além desta que o sistema oferece.

Uma vez que a maneira mais eficaz de exercer o poder é na forma do consenso, na sociedade capitalista existe um conjunto de instituições encarregadas de garantir a reprodução do sistema, vinculadas ao consenso. São instituições distintas daquelas encarregadas da violência sistemática (ou da ameaça). Estas instituições pertencem à sociedade civil. A sociedade civil é o espaço de mediação entre o

mercado econômico – âmbito das empresas capitalistas – e o Estado político – âmbito das Forças Armadas, da polícia, etc.

---

***Que instituições fazem parte da sociedade civil?***

---

A escola, os sindicatos, as igrejas, os partidos políticos, as sociedades de desenvolvimento, a opinião pública e os meios de comunicação de massa fazem parte da chamada sociedade civil.

Nos inícios da modernidade capitalista, quando se constrói o Estado-nação, a principal via de construção da hegemonia é a escola. Nesta instituição se ensinam os valores mínimos de obediência à ordem estabelecida, aquilo que é “normal” e aquilo que não é, a reverência aos símbolos do poder, etc. Mas, hoje em dia, este lugar – que não desapareceu – é complementado por outro de alcance muito maior: os meios de comunicação de massa.

No espaço da sociedade civil, se constrói diariamente o consenso dos setores populares, em favor do capitalismo. Ai, a concepção de mundo burguesa é transformada em senso comum, graças à ideologia transmitida pelos meios de comunicação. Deste modo, os valores da cultura dominante são interiorizados e se constrói um sujeito domesticado e reacionário em relação a mudanças radicais.

Quando não existe uma organização popular que disputa no terreno da sociedade civil com a ideologia burguesa, a propaganda dos poderosos penetra com facilidade na mente e no coração do povo. Mas, em contrapartida, quando existem poderosas organizações populares que disputam a hegemonia contra o poder, a dominação burguesa não é tão fácil nem “automática”. Tudo depende das relações de força entre a hegemonia burguesa e a contra-hegemonia socialista.

---

**A hegemonia é um processo de direção política de um setor social sobre outro. É exercida no plano político, mas também no cultural e ideológico. A hegemonia consiste na combinação da força e o consenso (não é somente consenso).**

---

A hegemonia burguesa combina a violência estatal e repressiva em relação aos trabalhadores rebeldes e revolucionários com a paciente construção do consenso cotidiano das classes populares. A contra-hegemonia socialista dos trabalhadores se dá no esforço por dirigir política e culturalmente todas as classes populares e os intelectuais contra o

capitalismo e na resistência à violência da repressão burguesa.

---

***A HEGEMONIA não é exercida somente na política, entre as classes sociais e os grandes partidos, mas também numa esfera menos visível: A VIDA COTIDIANA E A SUBJETIVIDADE.***

---

Através da vida cotidiana se interiorizam os valores da cultura dominante e se constrói uma subjetividade domesticada. O capitalismo não resolve os problemas materiais da maior parte da população. Entretanto, é ideologicamente hegemônico. Convence as pessoas de que não existe outra forma de viver além desta que o sistema oferece.

---

***Hegemonia = consenso com os aliados e violência com os inimigos***

---

Nas sociedades capitalistas modernas, a dominação (violência) e a direção cultural (consenso) não podem ser separadas. Sempre se articulam, de acordo com a conjuntura política e a relação de força entre as classes sociais.

O capitalismo nunca vai desmoronar. Terá que ser derrotado. Para isto é necessário ter uma estratégia política que sirva para confrontar e enfrentar a violência que vem de cima e também uma estratégia para construir uma hegemonia socialista a partir dos de baixo.

## **BIBLIOGRAFIA**

- Karl Marx e Friedrich Engels. *Manifesto do Partido Comunista*. Ed. Global.
- Karl Marx. *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Editora Alfa Ômega, 1977.
- Lênin, *O Estado e a Revolução*. São Paulo: Hucitec, 1980.
- Antônio Gramsci. *Maquiavel, a política e o Estado moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- Louis Althusser. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

## X - A LUTA POLÍTICA, A HEGEMONIA E A CONSCIÊNCIA SOCIALISTA

Como o capitalismo não planeja e não é racional, a vida econômica está atravessada por múltiplas contradições. Quando essas contradições se cruzam numa determinada situação histórica, se abre um período de crise. Mas a crise, por si mesma, não conduz à catástrofe nem à derrubada. Por mais aguda que seja a crise, o capitalismo jamais cai por si só. Da mesma forma que a reprodução não é automática, sua interrupção e queda também não são. O capitalismo jamais cai por suas próprias contradições. Terá que ser derrotado.

---

***O socialismo é a superação histórica do capitalismo. Não é seu "aperfeiçoamento", nem a melhoria parcial dos furos que o capitalismo não cobre e, muito menos, o remendo ou recauchutagem daquilo que "faz mal".***

---



O socialismo nunca pode chegar por meio de uma evolução natural. Jamais vem sozinho. Na história não há piloto automático, mas sim luta de

classes. Mas, a luta contra o capitalismo e pelo socialismo não pode limitar-se a uma luta simplesmente econômica.

---

### ***O que é a luta econômica?***

---

É a luta sindical, reivindicativa, pela garantia de emprego, melhores salários e melhores condições de trabalho. Também é a luta para ter um teto, por comida e por vestimenta. Em síntese: a luta econômica é uma luta por melhorias pontuais e palpáveis para a vida cotidiana da classe trabalhadora. Estas reformas são inúteis? Não. São fundamentais não só para a vida, mas para ir acumulando forças e adquirindo consciência. Não se pode prescindir delas, mas as reformas não são suficientes para mudar a raiz da sociedade e terminar com a exploração.

Existem distintos tipos de luta. Não é a mesma coisa a reação espontânea que podem ter alguns trabalhadores quando recebem o aviso de demissão, a guerra civil espanhola da década de 30 ou a atual guerra civil colombiana. Em todos estes casos há luta de classes. Mas são de níveis bem distintos.

O nível mais simples de luta é a reação espontânea dos trabalhadores, realizada sem nenhuma preparação nem planejamento. Simplesmente se revoltam contra os patrões por alguma injustiça pontual. É uma primeira reação. Mas, estas revoltas espontâneas, também chamadas de motim, não questionam o sistema capitalista em seu conjunto. Questionam um patrão individual por um acontecimento circunstancial. São o primeiro embrião da consciência de classe.

Um nível maior da luta é a luta sistemática, sindical e associativa por melhorias para todo um setor de trabalhadores (da construção, bancários, pequenos agricultores, etc.). Quando estes setores realizam uma manifestação ou uma greve, se produz um certo avanço na consciência. Aqui já existem níveis de planejamento. Existe uma semente de plano. Há um maior desenvolvimento da consciência de classe. Este nível é eminentemente "econômico".

Os poderosos, através de seus meios de comunicação, tentam neutralizar ou paralisar todo processo coletivo de tomada de consciência. A tomada de consciência é a experiência que cada trabalhador individualmente e todos os trabalhadores juntos – como classe – vão construindo a partir de suas próprias lutas e suas próprias vivências.



**A consciência de classe se constrói todos os dias. Ninguém nasce com ela. A consciência, como o senso comum, é um campo de disputa.**

A militância revolucionária atua para que o povo eleve cada vez mais seu alvo e não se preocupe somente com seus problemas particulares, mas com todos os problemas da sociedade capitalista. Que a consciência de cada um seja a de toda a classe trabalhadora explorada. Os capitalistas e empresários, como não podem evitar que a classe trabalhadora construa sua própria consciência, tentam frear este processo num limite puramente econômico. Este é o limite do "permitido" e do "bem visto" pela ideologia do poder. Por isto, tentam convencer o povo de que:

- *uma greve é legítima somente se tem uma reivindicação pontual de um pequeno grupo*
- *se uma greve vai além da reivindicação pontual e coloca exigências para o conjunto da classe trabalhadora... essa greve é "política" (ou seja: "coisa ruim") e não pode ser justificada em nenhum caso*
- *um sindicato urbano ou um movimento rural têm o direito de pedir melhorias desde que não questionem a propriedade privada das empresas e das terras*
- *um dirigente sindical é "aceitável" e "racional" quando reduz sua atividade à sua organização e não se dedica a uma aliança com outras associações contra o capital*
- *os trabalhadores têm direito de reclamar "para que o capitalismo seja justo e distribua melhor a riqueza"*
- *os trabalhadores não têm direito de exigir*
- *a auto-gestão dos trabalhadores*
- *o fim do capitalismo*
- *não se "distribua melhor", nem "se produza de uma outra maneira, sem patrões, latifundiários e sem empresários"*
- *os trabalhadores e seus dirigentes sindicais não têm direito de intervir nos assuntos políticos que ultrapassem sua área específica.*

O segundo nível de consciência (aquele que supera o simples levante espontâneo) é um limite bem definido para a consciência da classe trabalhadora. Esse é o limite permitido pelo poder. A crença

equivocada (induzida pelo poder) de que a única luta que deve ser feita contra o capitalismo é uma luta reivindicativa e somente pontual se chama economicismo. O economicismo, como doutrina teórica, resume a aspiração comum de todos(as) trabalhadores(as) de conseguir do Estado medidas para remediar as más condições de vida, mas não acabam com a situação nem eliminam a submissão do trabalho pelo capital.

Mesmo com diferenças, nas experiências de trabalhadores, de país para país, de acordo com a época, existe um fenômeno que sempre se repete: o nível de consciência economicista tem um limite invariável e fixo. Chega até colocar: (a) a necessidade de organização sindical; (b) a necessidade de lutar contra os patrões; e (c) a conveniência de exigir do governo esta ou aquela lei paliativa. Nunca vai além disso.

O economicismo não só responde a uma experiência concreta da luta dos trabalhadores de um determinado país, mas constitui uma ideologia geral (presente em todos os países com roupagem distinta) sustentada por determinadas correntes políticas. As principais características gerais da ideologia das correntes economicistas, em relação aos trabalhadores, são:

- *a despreocupação total com a formação teórica (pressupondo que a discussão teórica e a formação política são exclusividade dos setores médios e universitários)*
- *a subestimação da luta ideológica (é uma afirmação de que "o que vale é a luta concreta do dia-a-dia, a luta de idéias é coisa de intelectuais, não de trabalhadores)*
- *o culto da espontaneidade (acreditando que o movimento da classe trabalhadora não necessita de uma estratégia própria. Bastaria ir respondendo às ofensivas dos patrões)*
- *a falta de espírito de iniciativa nos dirigentes economicistas (reduzindo a classe trabalhadora à passividade política ou à política da recusa sem uma perspectiva própria a longo prazo)*
- *a redução da luta política a um horizonte estritamente econômico-corporativo (quem trabalha deve preocupar-se com seu contexto próximo e não deve meter-se em problemas que ultrapassem as necessidades do dia-a-dia)*
- *o desconhecimento da continuidade histórica da luta de classes e do pensamento revolucionário (supondo que toda luta começa do*

zero. Despreza-se e subestima-se o conhecimento de toda história anterior: ninguém lutou antes que nós. Não há nada para aprender com revoluções anteriores)

- a recusa a toda política de unificação da luta (priorizando sempre, em nome da “democracia e horizontalidade”, a dispersão e fragmentação do movimento)
- os métodos artesanais e improvisados de trabalho político (recusando qualquer tipo de plano estratégico e planejado dos conflitos, dos desafios e do trabalho a realizar. *Vai se fazendo pelo caminho* é a palavra de ordem principal)
- alvos estritamente locais e regionais (impedindo um conhecimento da situação global e o impulso geral do movimento revolucionário, para além da experiência recortada e limitada que cada um vive)
- o reformismo, consistindo na reivindicação por paliativos (sem apontar para a modificação da totalidade do sistema)
- a carência de uma estratégia positiva própria que distribua, no tempo e no espaço, os enfrentamentos políticos entre trabalhadores e a classe dominante (indo a reboque e sempre respondendo na forma de recusa à iniciativa do poder)
- a limitação da consciência da classe trabalhadora às simples verdades do senso comum (impedindo cada trabalhador de uma reflexão crítica sobre a ideologia burguesa, tornando consciente sua recusa da concepção de mundo das classes dominantes).

---

### ***Por que o economicismo tem relativo êxito e grande difusão?***

---

Em primeiro lugar, porque esta ideologia sempre se afirma em resultados palpáveis e ao alcance da mão. Não modifica o contexto, mas se adapta a ele. Mas esta não é a principal razão. O economicismo tem tanta presença na consciência social porque quando as lutas da classe trabalhadora se desenvolvem espontaneamente – sem uma estratégia política e uma filosofia próprias – a concepção de mundo dos empresários se impõe rapidamente na disputa. Esta concepção de mundo burguesa é sempre vitoriosa – exceto quando se opõe a ela uma contra-hegemonia socialista – porque:

- é uma ideologia mais antiga que o socialismo;
- conta com meios de divulgação incomparavelmente mais poderosos que os meios alternativos

Se o nível mais simples da consciência é o motim espontâneo e o nível seguinte é o da ideologia economicista, o nível mais alto da consciência trabalhadora é a consciência socialista e a política revolucionária. Jamais se chega a este nível de modo automático ou repentino. A política revolucionária e a consciência socialista de massas são o produto de um longo desenvolvimento de experiências históricas concretas, de ensaios, aprendizagens e erros, de avaliações e discussões ideológicas, acompanhadas da formação política e teórica.

Lenin, principal dirigente da primeira revolução socialista triunfante na história, resumiu sua polêmica com a ideologia economicista afirmando que: *“Sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário”*. afirmou, também, que a luta de classes jamais se reduz ao âmbito econômico. Na história, existem três formas de luta: econômica-prática, política e teórica. Ir além do economicismo traz como exigência construir e alcançar um nível mais alto de consciência de classe: a consciência socialista e revolucionária, consciência do antagonismo irreduzível entre a classe trabalhadora e os capitalistas. A criação de uma consciência revolucionária socialista pressupõe uma luta, a longo prazo, para:

- a construção de organizações políticas classistas, autônomas, independentes e próprias da classe trabalhadora (mantendo a continuidade entre os momentos de alta da luta de classes e os momentos de refluxo e retrocesso popular). Estas organizações sociais têm que exercer o papel de vanguarda.

---

**“Vanguarda” não significa estar só, isolado e separado do povo; significa o processo no qual as organizações populares e os movimentos sociais tomam a iniciativa na luta de massas, estreitamente ligados ao povo e ao conjunto dos trabalhadores.**

---

- a superação de todo limite exclusivamente sindical e economicista das reivindicações populares
- a criação de um sujeito social e político coletivo consciente de seu lugar na história e de seu antagonismo irreduzível com o capital

- o desenvolvimento de uma luta contra-hegemônica de longo alcance pela conquista do coração e a mente de nosso povo, de trabalhadores da cidade e do campo e da juventude
- a criação de instituições contra-hegemônicas (como jornais socialistas, rádios comunitárias, redes de informação alternativa, canais de televisão alternativos, editoras, etc.)
- Em resumo - A unidade indestrutível de uma estratégia política que combine a independência política de classe com a luta pela hegemonia socialista.

Este imenso desafio só pode se concretizar conhecendo as experiências revolucionárias anteriores, positivas e negativas, triunfantes e derrotadas, levadas em frente pela classe explorada, ao longo da história, e, nas quais, milhares e milhares de companheiros e companheiras dedicaram suas vidas.

## BIBLIOGRAFIA

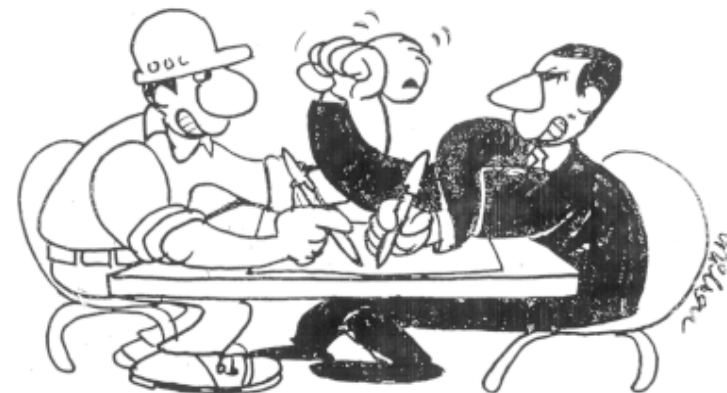
Vladimir Y Lênin. *Que Fazer?* São Paulo: Hucitec, 1978.

Antônio Gramsci. *Maquiavel, a política e o Estado moderno*. Tradução e orelha de Luiz Mário Gazzaneo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968 (8a. ed., 1987). 444 p.

Textos de Che Guevara: [www.comunismo.com.br/textos.html](http://www.comunismo.com.br/textos.html)

## XI. A RESISTÊNCIA, A DIALÉTICA DO PROGRESSO E O CONFLITO SOCIAL NA HISTÓRIA

Quando a ideologia do poder quer nos convencer da suposta “eternidade” da desigualdade social, necessariamente precisa ocultar um dado importantíssimo: a desigualdade tem sido rechaçada de mil maneiras e de forma veemente pela classe oprimida, ao longo da história. Considerando esta recusa, Marx e Engels afirmam no *Manifesto Comunista* que: “A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias é a história da luta de classes”. Esta luta tem, no mínimo, 5.000 anos de história comprovada.



Algumas das rebeliões e revoluções que marcaram a fogo nossa história são:

- os levantamentos e protestos dos camponeses, no Egito dos faraós
- as insurreições de escravos, na Grécia e Roma (a mais famosa foi a liderada por Espartaco, no primeiro século depois de Cristo)
- as rebeliões camponesas, na Índia e principalmente na China clássica (algumas triunfaram, dando origem a novas dinastias imperiais)
- as revoltas camponesas, no Japão (entre 1603 e 1863, quando ocorreram mais de 1.100 levantes)
- as revoltas camponesas, na Rússia czarista (o levante mais conhecido é o de Pougatchev, na Ucrânia, no século 17)
- as revoltas camponesas (conhecidas como *jacqueries*) e as rebeliões de artesãos e aprendizes (entre os séculos 13 e 15), na Europa ocidental

- as revoluções burguesas europeias (desde as lideradas pelas primeiras cidades italianas, no século 16, a holandesa e a inglesa no século 17, até a francesa – a mais conhecida de todas – em 1789)
- a independência estadunidense, em 1776
- a rebelião dos escravos negros na América do Norte no século 19 (principalmente a liderada por Nat Turner em 1831)
- as revoluções de 1848 e 1870 na França (esta última, conhecida como a Comuna de Paris, foi a primeira na história mundial em que a classe trabalhadora tomou o poder – sendo depois derrotada)
- as revoluções russas de 1905 e 1917 (em 1917, aconteceram duas revoluções: a de fevereiro e a de outubro. Nesta última, os bolcheviques tomaram o poder e foi a primeira revolução socialista vitoriosa na história mundial)
- as insurreições na Itália, Hungria e Alemanha, ocorridas logo depois da revolução russa (as três foram derrotadas)
- a revolução e a guerra civil espanhola, na década de 30 (derrotada pelo franquismo)
- a revolução vietnamita e a guerra do Vietnã (desde a proclamação da independência, em 1945, até a derrota estadunidense, em 1975. Durante estes 30 anos, os revolucionários vietnamitas derrotaram os japoneses, franceses e estadunidenses)
- a revolução chinesa (vitoriosa, em 1949)
- a revolução da Argélia (vitoriosa, em 1962)
- a rebelião europeia de 1968 (que, além de Paris, Berlim, Trento e outras cidades europeias, alcançou também Berkeley, nos EUA, Tóquio, no Japão, e a capital do México)
- o levante tchecoslovaco, de 1968 (derrotado pela invasão soviética nesse ano)
- a luta rebelde e por independência nacional da Irlanda do Norte (contra a Inglaterra) e do país Basco (contra a Espanha), lutas que continuam, até hoje
- a revolução dos cravos de Portugal, em 1974
- a luta por independência nacional de várias ex-colônias africanas, destruídas, em muitos casos, pela mais violenta repressão (como o caso de Patricio Lumumba, no Congo), triunfantes em outros como Namíbia, África do Sul, etc.

Na América Latina, esta longa história de levantes, revoltas, rebeliões e revoluções populares inclui:

- as rebeliões dos povos indígenas, na América do Sul, durante a colônia espanhola (exemplos – a liderada, em 1780, por José Gabriel Condocanqui, conhecido como Túpac Amaru, assassinado pelos colonizadores; no Brasil, a dos Sete Povos das Missões liderada por Sepé Tiaraju)
- a insurreição vitoriosa dos escravos – os “jacobinos negros”- no Haiti no final do século 18
- a revolução continental da independência nas primeiras décadas do século 19, liderada por José San Martín e Simón Bolívar
- a independência de Cuba e a guerra com a Espanha (com intervenção dos Estados Unidos, em 1898)
- a revolução mexicana liderada por Pancho Villa e Emílio Zapata (1910)
- a rebelião anarquista, no sul da Argentina (entre 1920 e 1921)
- o levante e resistência de Sandino, na Nicarágua (de 1926 a 1933)
- a insurreição de El Salvador, liderada por Farabundo Martí (1932)
- a revolução cubana de 1933, com a liderança de Antônio Guiteras
- a “coluna” liderada por Luís Carlos Prestes no Brasil (1935)
- a revolução boliviana (1952)
- a revolução cubana vitoriosa (1959)
- as revoluções brasileira, argentina, uruguaia, boliviana, peruana e outros países da América do Sul, nas décadas de 60 e 70 (derrotadas)
- a revolução colombiana (processo que se inicia antes da revolução cubana e segue até os dias de hoje)
- a vitória eleitoral de Salvador Allende no Chile em 1970 (derrubado por Pinochet no golpe militar em 1973)
- a revolução sandinista (vitoriosa na Nicarágua em 1979 e derrotada eleitoralmente em 1990, depois de um período de intervenções norte-americanas)
- a revolução salvadorenha, um empate que levou a um pacto.
- a revolução Guatemalteca, que chegou a um pacto sem força.
- o levante zapatista, em Chiapas (1994).



(Relembrar revoltas brasileiras, por exemplo, a Cabanagem, o Contestado... e outras na América Latina: Venezuela – bogotazzo , no Equador - lutas indígenas, etc.).

Esta longa série de resistências, protestos, rebeliões, levantes e revoluções populares puseram no primeiro plano a tremenda injustiça da sociedade de classes, baseada na exploração do ser humano pelo



ser humano. Muitas destas resistências foram perdedoras, faliram e foram derrotadas de forma sangrenta e sanguinária. Dos tempos antigos... até nossos dias.

As classes dominantes na América Latina, por exemplo, através de suas Forças Armadas e com a ajuda política, treinamento militar, assessoria de inteligência, financiamento econômico e apoio de armas dos Estados Unidos, realizam a sangue e fogo um autêntico genocídio que custou a vida de milhares de latino-americanos. A tortura (ensinada aos militares latino-americanos por assessores ianques e franceses) foi moeda corrente em nosso continente durante décadas.

---

***A derrota da maioria destes processos revolucionários significa que não foram válidos? Por acaso a justeza dessas revoluções e levantes deve ser avaliada pelo êxito?***

---

Nada mais errado e pernicioso, do ponto de vista da classe trabalhadora, do que analisar a história a partir do critério do “êxito”. Esse critério corresponde ao ponto de vista burguês, o ponto de vista dos exploradores e da filosofia que se denomina pragmatismo. (A filosofia do pragmatismo é completamente relativista: mede a verdade ou falsidade, a justiça ou a injustiça segundo critérios de utilidade e êxito).

Desta maneira, se olha a história “desde cima” e não do ponto de vista das classes exploradas e subalternas, não dos povos oprimidos. Se fosse assim, todas as rebeliões e levantes derrotados não teriam sentido e teriam sido em vão. O “progresso” da humanidade estaria exclusivamente do lado dos vencedores que, de fato, ao longo da sociedade de classes foram, na maior parte das vezes, as classes exploradoras. Com este olhar não confiável... as classes dominantes seriam as portadoras do progresso!

Por exemplo: uma vez que os povos indígenas perderam todos os seus conflitos com os conquistadores e saqueadores europeus, a vitória destes teria que ser vista como inevitável e necessária. Não só isso... teria sido melhor do que a vitória dos povos indígenas da América. O mesmo exemplo poderia ser multiplicado: os brancos seriam portadores do progresso com a escravidão dos negros; os nazistas e suas matanças planejadas seriam portadores de progresso sobre os judeus e ciganos, e assim por diante... Desta forma, o que aconteceu na história, acaba se transformando no que “era necessário que acontecesse” o que acaba justificando e legitimando todo o passado, por mais monstruoso e perverso que tenha sido.

---

***Este olhar superficial da história, ingenuamente progressista, que entende o progresso de forma linear, evolutivo, ascendente e sempre do lado dos poderosos, não tem nenhuma relação com o marxismo.***

---

Mesmo que esteja marcado pelo pragmatismo, corresponde, na realidade, a uma filosofia burguesa européia: o positivismo. (Para o positivismo - cujo lema é ordem e progresso - este último sempre vai

do pior para o melhor, numa linha ascendente, contínua e evolutiva. O positivismo não serve para compreender as contradições históricas nem os avanços e retrocessos na luta de classes).

Para o marxismo, ao contrário, o progresso na história é contraditório. Tem avanços e retrocessos. Além disso, não pode ser avaliado de forma independente do que sucede com os setores oprimidos. Seu ponto de vista não é o ponto de vista dos opressores, mas da classe explorada, massacrada e oprimida. O marxismo é um olhar da história “a partir dos de baixo”. Deste ponto de vista, a revolução socialista contra o capitalismo retomar a herança de todas as revoluções e levantes populares do passado, tenham sido triunfantes ou derrotadas, tenham tido êxito ou tenham sido frustradas. Na história, a razão e o progresso estão do lado dos explorados. A eles pertence o futuro.

*“A única luta que se perde é a luta que se abandona”*

## BIBLIOGRAFIA

Michael Löwy. ***O Marxismo na América Latina***. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 1999.

Michael Löwy. ***A dialética do progresso***. In: *Marxismo, modernidade, utopia*. São Paulo: Xamã, 2000.

AMAYO, E. e SEGATTO, J. A. (orgs.). ***J. C. Mariátegui e o marxismo na América Latina***. Araraquara: ed. UNESP, 2002. 127.p.  
José Carlos Mariátegui. ***As correntes de hoje: o indigenismo - sete ensaios de interpretação da realidade peruana***. São Paulo: Alfa Omega, 1975. 275p.

BENJAMIN, Walter. ***Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política***. São Paulo: Brasiliense, 1986. 331p.

## XII - O PROJETO SOCIALISTA E SEUS VALORES

A luta dos trabalhadores não se limita a uma resistência negativa contra a ordem existente. A negação do que existe – central, no método dialético – se faz acompanhar de um projeto de futuro. A luta socialista não implica somente numa recusa da atual “nova ordem mundial” mas também pressupõe uma luta para recuperar o que nos foi expropriado ao longo da história.

É bom lembrar que o capitalismo nasce historicamente da acumulação originária do capital, cujo núcleo consiste em uma violenta expropriação dos camponeses europeus e todos os povos do Terceiro Mundo (graças à conquista e à colonização). Por isso, Marx termina seu famoso livro *O Capital* com um alerta político: “*Os expropriadores são expropriados [...] Lá, se tratava de uma expropriação da massa do povo por uns poucos usurpadores; aqui, se trata da expropriação de uns poucos pela massa do povo*”.

Para poder concretizar este programa histórico, é preciso superar o estreito limite que a mesquinha e estreita ideologia do economicismo impõe aos trabalhadores e aos povos de todo o mundo. Tem que ir além da luta meramente sindical, associativa ou reivindicativa. Tem que superar o ponto de vista da fragmentação que limita as lutas contra a mundialização capitalista a lutas segmentadas, separadas e isoladas.

Até agora, tivemos lutas fragmentadas: pela terra, pelo emprego, por salário, contra a exploração, pela educação, pela saúde, por habitação digna, pelo meio ambiente, contra a discriminação sexual, pela autonomia estudantil, contra a discriminação religiosa, contra a discriminação racial, contra o patriarcalismo, contra a burocracia sindical, contra a repressão policial, contra a guerra, contra a vigilância permanente das pessoas. Sem abandonar a luta por reformas pontuais, em cada um destes espaços, temos que ter presente que, se não conseguirmos articular estas lutas entre si, jamais poderemos enfrentar eficazmente a hegemonia burguesa.

A dominação cultural do capitalismo se baseia precisamente na unidade e centralização global de sua dominação e na fragmentação dos protestos e resistências. É necessário globalizar também as resistências, uni-las e articulá-las, sem perder a especificidade de cada

luta. Pretender lutar unicamente por cada uma destas demandas (conseguindo reformas pontuais), sem apontar contra o sistema capitalista como totalidade, levará a novas frustrações. É preciso ter presente a advertência que Che Guevara deixou, em sua última mensagem aos povos do mundo, seu testamento político: *“Ou revolução socialista ou uma caricatura de revolução”*.

---

### ***Nosso projeto é puramente econômico?***

---

O projeto político da revolução socialista não se limita então em recuperar o que foi arrancado a sangue e fogo das mãos do povo. O socialismo não é um projeto exclusivamente econômico. Inclui o econômico como um de seus pressupostos, mas vai muito mais além. O mesmo Che Guevara dizia: *“O socialismo econômico sem a moral comunista não me interessa. Lutamos contra a miséria, mas lutamos ao mesmo tempo contra a alienação”*. No mesmo sentido, a revolucionária Rosa Luxemburgo afirmava que *“O socialismo não é um problema de garfo e faca. É um movimento de cultura, uma grande e poderosa concepção de mundo”*.

Por isso, o socialismo, como concepção de mundo, articulado a partir de sua filosofia da práxis, pressupõe uma ética e um conjunto de valores humanos totalmente alheios à ética do DEVER e do TER e da redução do ser humano à mercadoria.

Toda a dominação burguesa se baseia no divórcio absoluto entre a ética e a política. Por um lado, está o que dizem os políticos burgueses, os juizes, os empresários, os militares e, por outro, está o que fazem. Cada eleição repete a cerimônia. Promete-se tudo, não se cumpre nada. O que se diz, não se faz; o que se faz não se diz. A ética socialista, cuja máxima expressão foi encarnada no século 20 por Che Guevara, se articula a partir de uma unidade inseparável do dizer e do fazer, do público e do privado.

---

***Che Guevara nos ensinou, assim como as Madres da Plaza de Mayo e milhares de companheiros(as) desaparecidos(as), que o discurso de esquerda TEM QUE SER VIVIDO COM O CORPO.***

---

Não se pode lutar por uma nova sociedade se não se luta ao mesmo tempo pela construção do homem novo e da mulher nova. Não haverá revolução socialista se não conseguirmos desalojar o egoísmo, a

mesquinhez, o cálculo miserável, o patriarcalismo, o racismo e o individualismo de nossa vida cotidiana. Não se pode estar à esquerda, na política, e estar à direita, na moral. Nossos princípios não são “instrumentalistas”, não nos utilizamos deles como um simples instrumento (que se usa ou não de acordo com a necessidade). São parte fundamental da ética revolucionária.

---

***Não se pode ter uma mensagem revolucionária e socialista na vida pública, tendo uma atuação conservadora e burguesa na vida privada. Não se pode ter a cabeça e o discurso na esquerda, enquanto o coração e o corpo estão na direita.***

---



O projeto da revolução socialista, se não quiser ser uma caricatura – como dizia Che Guevara – deverá realizar na vida concreta e cotidiana os grandes ideais não cumpridos pelas revoluções burguesas: liberdade, igualdade e fraternidade. Porém, não para a burguesia e os exploradores, mas para todo o povo. Não para explorar – em nome da “liberdade” – mas para viver em uma comunidade onde realmente desapareça a *“exploração do homem pelo homem”* e o poder real (não só o governo) esteja nas mãos do povo.

Se decidirmos colocar todos os nossos esforços e nosso grão de areia, por menor que pareça, em função desse projeto revolucionário, nenhuma luta do passado, nenhum sacrifício (derrotado ou vitorioso) terá sido em vão. A memória dos milhares e milhares de companheiros(as) desaparecidos(as), torturados e assassinados seguirá vivo na medida em que nós decidimos que não morram.

## BIBLIOGRAFIA

Ernesto Che Guevara. *El socialismo y el hombre en Cuba*. Ediciones varias.

Adolfo Gilly. *Paisaje después de una derrota*. En América Libre nº 3, 1993. pp. 11-18.

Frei Betto y Michael Löwy. *Valores de uma nova civilização*. Texto apresentado na conferência «Princípios e valores da nova sociedade» do FSM 2002.

Materiais da Cátedra Livre Ernesto Che Guevara da Universidad Popular Madres de Plaza de Mayo.

Materiais do CEPIS do Brasil.



